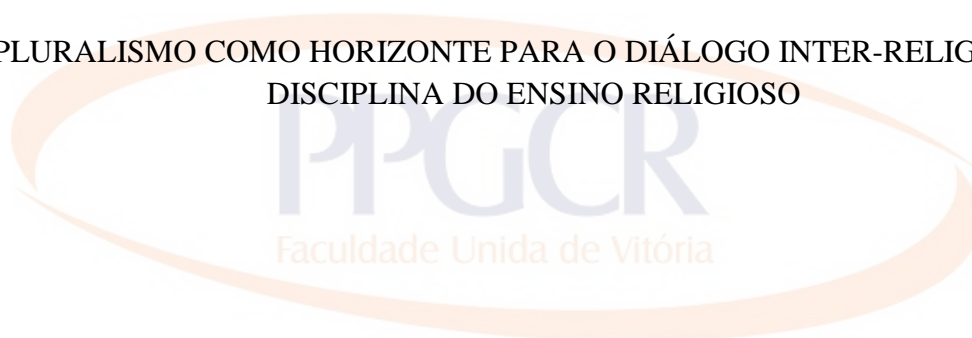


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

EVERTON VENICIUS DE CASTRO

O PLURALISMO COMO HORIZONTE PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA  
DISCIPLINA DO ENSINO RELIGIOSO



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 05/12/2017.

Vitória  
2017

EVERTON VENICIUS DE CASTRO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 05/12/2017.

O PLURALISMO COMO HORIZONTE PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA  
DISCIPLINA DO ENSINO RELIGIOSO

Trabalho final de Mestrado profissional  
Para obtenção de grau de Mestre em Ciências  
das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientadora: Dra. Claudete Beise Ulrich

Vitória - ES  
2017

Castro, Everton Vinicius de

O pluralismo como horizonte para o diálogo inter-religioso na disciplina do ensino religioso / Everton Vinicius de Castro. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

vii, 73 f. ; 31 cm.

Orientador: Claudete Beise Ulrich

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

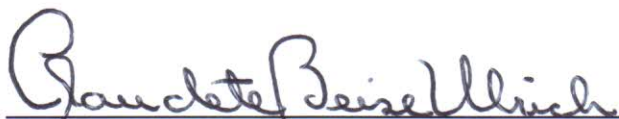
Referências bibliográficas: f. 69-73

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Exclusivismo. 4. Inclusivismo. 5. Pluralismo religioso. 6. Ensino religioso. - Tese. I. Everton Vinicius de Castro. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

EVERTON VENICIUS DE CASTRO

O PLURALISMO COMO HORIZONTE PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA  
DISCIPLINA DO ENSINO RELIGIOSO

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

  
Doutora – Claudete Beise Ulrich (presidenta)

  
Doutor Abduschin Schaeffer Rocha – UNIDA

  
Doutor Alvorí Ahlert – UNIOSTE

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio e pela compreensão do tempo de convívio muitas vezes sacrificado para realização deste trabalho.

A todas as pessoas que me ajudaram na construção deste trabalho de conclusão, diretamente e indiretamente. Um obrigado muito especial às pessoas que leram e corrigiram o português.

À professora e orientadora Dra. Claudete Beise Ulrich por todo apoio e orientação.

À direção da Faculdade Unida, à coordenação do mestrado, professores, funcionários/as pela possibilidade em realizar os estudos de mestrado.

Aos professores que ministraram aulas no mestrado e aos colegas do curso que contribuíram para minha formação intelectual.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e de defesa do mestrado.

À secretária Luana Cordeiro Ribeiro e à bibliotecária Marisete Bispo pela atenção e ajuda.

A Deus agradeço por toda a realização possível.



## RESUMO

Esta dissertação reflete sobre conceitos religiosos como o “exclusivismo”, o “inclusivismo” e o “pluralismo”. Estes conceitos vão mostrar um horizonte sobre como as religiões estão posicionadas nesta visão moderna e como o diálogo inter-religioso se encaixa no modelo de ensino religioso nas escolas públicas. Tais conceitos vão nos permitir uma interpretação de qual é o horizonte de cada religião, se são religiões conservadoras, ou fundamentalistas, ou religiões que se orientaram com o progresso humano no sentido de se tornarem religiões mais dialogáveis ou não. No conjunto das religiões, algumas têm mais as características exclusivistas que realçam sua afirmação de fé em detrimento de outras. Há, também, o inclusivismo religioso que é um modelo que admite existir elementos comuns entre as religiões, mas insiste numa hierarquização sendo uma religião superior a outra. E, por fim, “Pluralismo religioso” consiste no modelo revolucionário para definir as religiões que conseguiram, dentro de um processo de maturação histórica, fazer o diálogo religioso. O pluralismo religioso é decorrente de um mundo multiculturalista, marcado pela diversidade de raças e línguas e tem sido o modelo a ser seguido nas escolas públicas. Marca-se a necessidade de se fazer o diálogo inter-religioso para enfrentar a própria identidade religiosa, e o contraponto com as outras tradições religiosas. Esta dissertação visa a discutir a emergência de uma consciência plural que possa dialogar com a sua crença à luz de muitos credos e culturas religiosas diferentes e mostrar que é viável a implementação da visão multiculturalista da religião nas escolas públicas, através do ensino religioso. O pluralismo traz a noção de alteridade, o diálogo com o diferente. O pluralismo consiste em busca de caminhos de superação do fundamentalismo, e a intolerância religiosa. O pluralismo é uma realidade que marca o comportamento religioso da modernidade. O fenômeno do pluralismo religioso implica a reflexão das mais variadas áreas do saber antropológico, teológico, filosófico e outros. Todos estes saberes são na verdade caminhos para compreender as causas, características e consequências desse fenômeno chamado pluralismo religioso.

Palavras-chave: Exclusivismo, Inclusivismo, Pluralismo Religioso, Diálogo, Ensino Religioso.

## ABSTRACT

This dissertation reflects on religious concepts such as “exclusivism”, “inclusivism” and “pluralism”. These concepts will show a horizon on how religions are positioned in this modern view and how interreligious dialogue fits into the model of religious teaching in public schools. Such concepts will allow us to interpret the horizon of each religion, whether they are conservative religions, fundamentalists, or religions that have been guided by human progress towards becoming more dialogic religions. In the set of religions, some of them show more exclusivist characteristics that emphasize their affirmation of faith to the detriment of others. There is also religious inclusivism that is a model that admits that there are common elements between religions, but insists on a hierarchy being one religion superior to another. And, finally, “Religious Pluralism”, a revolutionary model to define religions that managed, within a process of historical maturation, to make religious dialogue. Religious pluralism derives from a multiculturalist world, marked by the diversity of races and languages and has been the model being followed in public schools. It marks the need to engage in interreligious dialogue to confront a religious identity, and counterpoint with other religious traditions. This dissertation aims to discuss the life of a plural way of life that can dialogue with its belief in the light of many different religious creeds and cultures and to show that an implementation of the multiculturalist view of religions in the schools through religious teaching is viable. Pluralism brings a notion of otherness, a dialogue with the different. Pluralism consists of searching for ways of overcoming fundamentalism and religious intolerance. Pluralism is a reality that marks the religious behavior of modernity. The phenomenon of religious pluralism implies a reflection of the most diversified areas of anthropological, theological, philosophical and other knowledges. All these knowledges are in fact ways to see the causes, characteristics and consequences of this phenomenon called religious pluralism.

**Keywords:** Exclusivism, Inclusivism, Religious pluralism, Dialogue, Religious Education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 PARADIGMAS EXCLUSIVISTA E INCLUSIVISTA .....	11
1.1 Paradigma exclusivista .....	11
1.2 Paradigma inclusivista.....	19
2 PLURALISMO RELIGIOSO .....	29
2.1 Uma hipótese pluralista .....	29
2.2 A verdade está em cada religião .....	36
2.3 A verdade, no pluralismo religioso, aponta para o diálogo inter-religioso .....	42
3 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO.....	49
3.1 Diálogo inter-religioso e o exclusivismo religioso.....	53
3.2 Diálogo Inter-religioso e o Ensino Religioso .....	54
3.3 Diálogo Inter-religioso e as Teologias das Religiões .....	60
CONCLUSÃO:.....	66
REFERÊNCIAS .....	69



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título o “Pluralismo Religioso” que vai tematizar a diversidade religiosa. O pluralismo vai propor o desafio do diálogo entre as religiões e como este diálogo se aplica na escola pública. O tema do pluralismo religioso vai trazer uma análise dos paradigmas religiosos do exclusivismo, do inclusivismo e do diálogo inter-religioso, e de que forma essa diversidade é vista e se apresenta na atualidade. A reflexão sobre a diversidade religiosa levanta temas como a tolerância, a convivência e o respeito à liberdade de crença, seus ritos e a maneira como o indivíduo se relaciona com a transcendência.

Este trabalho apresenta conceitos sobre os diversos paradigmas religiosos, e como cada indivíduo se comporta com suas crenças e valores, sempre na busca do transcendente. O estudo conceitua diferentes religiões e o comportamento do homem, ao lidar com essas variantes religiosas. A pergunta problema que move esta pesquisa é: Como o pluralismo religioso pode ser um fundamento para o diálogo inter-religioso na disciplina do ensino religioso? Neste sentido, objetiva-se refletir sobre os diferentes paradigmas religiosos do exclusivismo, do inclusivismo e do diálogo inter-religioso. Busca clarear a partir do pluralismo religioso a importância do diálogo inter-religioso para a disciplina do ensino Religioso. A metodologia utilizada está baseada em referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, ponto um, apresenta-se o modelo exclusivista cuja verdade está na própria ótica de pensar, de crer e de interpretar a revelação divina; que as demais formas de crenças e convicções não correspondem à verdade revelada e, portanto, as outras crenças se encontram no engano e no equívoco de suas interpretações a respeito de salvação e recepção da revelação divina.

No primeiro capítulo, ponto dois, explora-se o conceito do modelo inclusivista religioso que apresenta uma forma mais velada do exclusivismo religioso, e expõe que as demais religiões têm seu valor moral e ético, certificando a sua transcendência. Em termos de salvação, no entanto, essas religiões são incompletas na busca da verdade salvadora. No ponto de vista inclusivista, as religiões não cristãs estão em fase de construção e se complementam no cristianismo, que seria o acabamento final delas.

No segundo capítulo, nessa evolução dos modelos interpretativos da religião, o paradigma do pluralismo religioso é entendido como o processo de maturação e evolução dos modelos teológicos anteriores, como o exclusivismo e o inclusivismo religioso. O pluralismo religioso defende a ideia de que todas as formas de crença têm seu valor intrínseco, ou seja, não há religião superior à outra, pois todas as tradições religiosas possuem um conhecimento

específico do transcendente em particular. Todas as religiões de forma singular construíram o conceito de salvação.

O terceiro capítulo aborda o diálogo inter-religioso como consequência do desenvolvimento do pluralismo religioso. O diálogo só vai ser possível mediante a capacidade da amplitude do pluralismo. Essa amplitude faz nascer a importância do diálogo, trazendo à tona os diferentes conceitos, bem como os pontos que convergem e que divergem. Admitir que há a possibilidade da existência de uma verdade salvadora em diferentes tradições religiosas significa um passo importante para um diálogo inter-religioso. O diálogo religioso, em termos práticos, se traduz na capacidade de aprender a conviver pacificamente a experiência da diversidade de crenças. O diálogo torna a possibilidade das religiões se transitarem, como trocas de valores, respeito mútuo, convivência no mesmo espaço geográfico, sem competição, e ações para o desenvolvimento da comunidade.

Este trabalho pretende demonstrar que o pluralismo religioso é um modelo interpretativo da religião, que se coloca em constante troca, entre as religiões, sem, obviamente, culminar com a perda de identidade cultural e de valores teológicos dessas religiões. O que se propõe é, antes de tudo, a preservação dos valores, cultos, ritos e as celebrações de cada tradição.

E, por derradeiro, o presente trabalho objetiva o encaminhamento de uma compreensão de que o diálogo inter-religioso pode resultar num ensino religioso eficiente, no espaço público das escolas, e de que é possível transitar por todas as religiões e seus credos, dentro de um mesmo patamar, sem discriminação ou qualquer preconceito, adotando como mola mestra o princípio de que vivemos em um país de pluralismo religioso. Em razão disso, há a necessidade de se aplicar métodos de ensino que abarcam o pluralismo e o respeito à diversidade religiosa, já que os alunos, com suas respectivas matrizes religiosas, vivem entre si, dividindo o mesmo espaço estudantil e carregando cada um seus valores e crenças. Para a condução do ensino religioso, é importante frisar que a abordagem deste ensino deve sempre obedecer e respeitar a individualidade do aluno, ressaltando, acima de tudo, a tolerância e a convivência pacífica, numa sala de aula.

O texto ora apresentado é resultado de uma pesquisa com vários autores, dentre eles o professor Faustino Teixeira, que é um grande expoente brasileiro na pesquisa sobre o pluralismo religioso e o diálogo inter-religioso. Outros autores internacionais também influenciaram este trabalho, como Karl Rahner, que identificou a pessoa de Cristo em várias religiões; Claude Geffré, que defendeu as religiões como desígnio salvífico de Deus; Jacques Dupuis, que tratou da diversidade religiosa como uma forma de entender a diversidade da

graça divina; Hans Küng que trabalhou uma teologia ecumênica das religiões; John Hick que elaborou a ideia da centralidade de Deus nas religiões, como forma de diálogo, e, ainda, outros autores dos quais pude buscar visões e experiências distintas para a elaboração deste trabalho.

Foram utilizados livros, artigos e teses publicadas dos mais variados autores aqui mencionados. A utilização da internet para acesso desses artigos publicados foi de grande valia. O uso de dicionários para interpretar termos técnicos, bem como enciclopédia teológica e verbetes da ciência da religião foram de grande importância. Os autores pesquisados, além de cientistas da religião, são teólogos, filósofos, pedagogos e atuam, academicamente, em pesquisa em ciência da religião, e seus temas são relacionados à tolerância e diálogo inter-religioso, o que tem sido um tema de preocupação acadêmica e tem ocupado espaços na discussão das academias universitárias.



## 1 PARADIGMAS EXCLUSIVISTA E INCLUSIVISTA

Os paradigmas exclusivistas e inclusivistas são maneiras de ver a religião, são formas de categorizar as religiões com suas características positivas e negativas, construtivas e destrutivas. Os paradigmas religiosos revelam a existência de diferentes tradições religiosas, e isso não conduz a uma aberração, mas sim a um entendimento consolidado de que há inúmeros caminhos na busca do transcendente, do que é superior, o que torna múltipla a maneira de interpretar o mundo. Daí concluir que cada religião é parte de uma construção sistemática de compreensão do transcendente, da visão de mundo que cada buscador se propõe a percorrer em direção ao sentido da vida. Este capítulo vai trabalhar com os conceitos dos paradigmas que marcam a história das religiões. Inicia-se uma reflexão, primeiramente, com o paradigma exclusivista, que acredita que apenas uma religião é portadora de salvação e que as outras tradições estão perdidas e desorientadas. Desenvolve, mais a seguir, a definição do paradigma inclusivista, que, em suma, explica que as tradições religiosas são aceitáveis, mas inacabadas, e só encontram sua plenitude na revelação cristã.

Sabe-se que o ensino religioso, em seu início, no percurso da história da educação brasileira, foi tido como exclusivista confessional. Hodiernamente, prepondera o modelo inclusivista e se fala de outras religiões, não obstante ser o cristianismo a religião principal, a do acabamento, mas sem perder de vista que a meta ideal da escola pública é o pluralismo religioso.

### 1.1 Paradigma exclusivista

No pensamento exclusivista, as outras tradições são vistas como religiosidade inadequada. Outras matrizes de pensamento religioso estão em forma embrionária tentando chegar a uma verdade já alcançada pela tradição de regra e fé já firmada e estabelecida. É um pensamento típico do cristão fundamentalista que pensa que só a própria fé chegou à compreensão total e acabada em matéria de salvação, que a sua religião possui a verdade íntegra. É a ideia decorrente do paradigma exclusivista em que “cada igreja ou religião se apresenta como a interpretação correta ou a síntese mais adequada de um caminho de encontro com o Divino.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> VIGIL, José María; TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo. *Teologia Pluralista libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 45.

O modo de pensar do exclusivismo consiste no isolamento de outras formas de percepção do relacionamento com o transcendente. Até mesmo Jesus reconheceu outras formas de conhecimento de Deus, além de sua tradição religiosa, quando disse: “Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus” (Mateus 8:11). Na fala de Jesus, o que está em questão é o fato de que a autoridade religiosa do seu tempo, o judaísmo, estava sendo desmantelado do seu exclusivismo. A ideia de que a salvação só vem dos judeus estava sendo quebrada. É bom perceber que cada tradição religiosa possui sua própria articulação doutrinária, seu estilo, suas orientações morais e sua percepção do transcendente.<sup>2</sup>

No pensamento exclusivista, a experiência religiosa é baseada apenas na experiência pessoal como critério de verdade, não existe o “tu” ou “você”, é a visão do “eu” teológico e filosófico que é válida, não existindo outras convicções que possam dar conta das verdades e do sentido que a religião pode proporcionar. Cada religião tem seu relativo contexto de exclusivismo, a exemplo do islamismo que vê a revelação concedida a Maomé, através do selo dos profetas, como a definitiva e última palavra de Deus na história, encerrando e coroando o ciclo da revelação divina, além de reivindicar ser a única verdade teológica. Eles creem que, quando seus dogmas do Alcorão são anunciados em outra língua, a mensagem do mesmo pode ser dessacralizada, ou seja, a mensagem do alcorão para ser aceita tem que ser proclamada no idioma árabe.

Na perspectiva exclusivista Budista, seus adeptos se revelam como detentores de uma espiritualidade única, distinta de outras; eles não gostam de ser reconhecidos como religião, mas, sim, como uma filosofia de vida a ser seguida. O fundador do Budismo Sidharta Gautama rejeitou os ensinamentos do Hinduísmo como a literatura dos Vedas, com o sistema de castas. O Hinduísmo, por sua vez, é tão exclusivista que toda e qualquer manifestação religiosa que vá contra os ensinamentos relacionados ao karma, aos Vedas, à crença na reencarnação e ao sistema de castas são tidos como inimigos. Até mesmo o Ateísmo acaba sendo um sistema exclusivista, quando alegam que, por estarem “livres” de toda e qualquer concepção acerca de Deus, são o mais perfeito caminho a ser seguido. O cristianismo, também, apresenta a religião como paradigma exclusivista no sentido de converter todo mundo a uma verdade só “Jesus Cristo Salva”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> BÍBLIA SAGRADA. Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida. De acordo com os melhores textos em hebraico e Grego. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

<sup>3</sup> GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Vida, 2002. p. 332. Disponível em: <<http://www.napec.org/apologética/exclusivismo/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

A questão do exclusivismo religioso tem a ver com uma herança de um mundo pré-global. Nessa época, as religiões eram conhecidas no seu ambiente geográfico, observando seus valores, sua cultura e história, ligados ao seu contexto provincial. As tradições religiosas, do ponto de vista antropológico, são resultados da cultura em que elas estão inseridas dentro de um contexto histórico temporal. As tradições religiosas podem ser provenientes de uma cultura europeia, de uma tradição islâmica ou hindu-indiana. Elas ainda vêm de tempos remotos, a exemplo da tradição mesopotâmica, mas também, da idade média ou mesmo da modernidade. Na prática religiosa, no período pré-global, o sujeito praticava a sua crença e vivenciava seus dogmas e seus pressupostos de verdade, sem que isso implicasse, necessariamente, um confronto com a existências de outras verdades religiosas. No período pré-global, podia-se considerar que só as religiões e as filosofias do seu ambiente imediato determinavam a visão de mundo que tinham da realidade, sem entrar em conflitos com outras tradições espirituais. Existia, no mundo pré-global, o modo de viver do indivíduo religioso cujo conhecimento de mundo eram: as experiências, os valores, a história e tudo que lhe dava sentido, apenas, no seu contexto imediato e provincial.<sup>4</sup>

Diante da modernidade definida pelos historiadores, as religiões fundamentalistas, inclusive a cristã, não podem mais ignorar a complexidade das várias tradições religiosas existentes em um mundo caracterizado como global, onde há migração de pessoas, de culturas e religiosidade diferentes. O fenômeno religioso cresceu, diversificou-se e permitiu vislumbrar mundos de possibilidades humanas na sua diversidade. Vivemos, no atual momento, o tempo em que o mundo deixou de ser fragmento e isolado para ser uma grande aldeia no sentido de que as culturas e os valores passam pelo processo de entrelaçamento, intercâmbios culturais, troca de valores e que a religião se encontra dentro desse processo cultural<sup>5</sup>.

No ponto de vista antropológico moderno da religião que busca analisar o fenômeno do intercâmbio de cultura, só nos resta uma escolha que é a opção pela tolerância e pela aprendizagem da convivência, ou de uma ação menos recomendável, mas aceita por muitos, que é a opção pelo fundamentalismo religioso com a finalidade de se proteger da perda de

---

<sup>4</sup> PAINE, Scott Randall. Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, no. 1, p. 110, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26628>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

<sup>5</sup> PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: História e Presença no Cristianismo. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto, (org.) *Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”*. Assis, ABHR, p. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017. Segundo o autor: O fundamentalismo religioso é um movimento crítico às inovações trazidas pela modernidade a partir de uma narrativa sagrada e de um monopólio de interpretação balizado pela religião.

“identidade” ideológica. Identidade que é mantida, às vezes, sob o véu da violência, da discriminação e da segregação que precisa ser revisada e ressignificada.

O paradigma exclusivista remonta à tradição cristã. Depois da reforma, a igreja católica procurou reservar para si a exclusividade eclesial. Segundo Faustino Teixeira, no entanto, a indagação se existe salvação nas outras religiões não somente no catolicismo-romano como também nos grupos protestantes<sup>6</sup> é algo notório. De acordo com o autor “No campo católico, a posição teológica exclusivista apoiou-se no tradicional axioma “*extra ecclesium nulla salus* “(fora da igreja não há salvação)”<sup>7</sup>, ou seja, para que haja o “paradigma exclusivista” é necessário que as condições para a salvação estejam vinculadas estritamente à instituição chamada igreja. O paradigma exclusivismo, no contexto cristão, consiste na posição de que a salvação exclui a possibilidade de qualquer outra religião afirmar que exista salvação. As outras tradições são vistas como religiões sem dispensação de uma salvação sem revelação, as tradições religiosas chamadas naturais são desprovidas de uma salvação revelada.

O exclusivismo até reconhece outras religiões como portadoras de valores, mas inábeis em matéria de salvação. No entanto, os grupos mais radicais defensores desse modelo não reconhecem elementos de verdade e valor fora da própria religião, mantendo a afirmação de que somente a sua possui a verdade acabada que o cristianismo católico tem sido a única depositária da verdade de salvação, com caráter de validade exclusiva e universal, para todos os tempos e povos. Todos aqueles que não pertencem à igreja católica estão no erro e na ignorância religiosa. De acordo com Teixeira: “Fora da Igreja não há salvação, este pensamento ganhará nítidos contornos, funcionando como pedra de toque para a afirmação de uma identidade católica reativa e defensiva em face das ameaças.”<sup>8</sup>

No campo do protestantismo, o exclusivismo é conhecido no final do século XIX, sendo este um período que defendia uma teologia ortodoxa: a inerrância e a infalibilidade da Bíblia contra o liberalismo teológico, ciência, darwinismo, religiões comparadas e a crítica bíblica. Nesse sentido, o protestantismo exclusivista acompanha o movimento da teologia dialética, em oposição à teologia liberal, sendo Karl Barth<sup>9</sup> (1886-1968) como um dos teólogos que melhor elaborou a base escriturística exclusivista da posição evangélica

---

<sup>6</sup> TEXEIRA, Faustino. *Teologia e Pluralismo Religioso*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012. p. 26.

<sup>7</sup> TEXEIRA, 2012, p. 21.

<sup>8</sup> TEXEIRA, 2012, p. 24.

<sup>9</sup> ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórica da Igreja Cristã*. v.1. São Paulo: Vida Nova, 1988. p. 145. De acordo com o autor: Karl Barth foi um teólogo cristão-protestante, pastor da Igreja Reformada e um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. Talvez o teólogo mais influente de língua alemã.

protestante<sup>10</sup>. Teixeira anota em seu livro já citado “Teologia e Pluralismo Religioso” a respeito do teólogo exclusivista Karl Barth, o seguinte:

Para Barth, a religião é incredulidade, a religião é por excelência o fato do homem sem Deus. Na linha de sua argumentação, há uma oposição entre revelação e religião. Na primeira, é Deus que fala ao ser humano, convocando-o à escuta da fé; na segunda, é o ser humano que fala e por si mesmo envereda no caminho da verdade da existência. Neste sentido, a religião conduz à autojustificação e autossantificação do homem usurpando o chamado gratuito revelador e salvífico de Deus.<sup>11</sup>

O teólogo Karl Barth contesta a ideia de uma “revelação geral”. Não há para ele senão uma única revelação, aquela realizada em Jesus Cristo. Todavia, a compreensão do argumento está no fato de que é impossível haver qualquer forma de salvação para os que buscam, na religião, uma forma de salvação pessoal. A salvação, no ponto de vista de Barth, está estritamente reduzida ao aspecto revelador do cristianismo. Portanto, ele afirma um pensamento exclusivista.

A visão paradigmática do exclusivismo, na perspectiva cristocentrada, dificulta a valorização de outros modos de crer e perceber o sentido da transcendência nas outras tradições espirituais. A ideia pluralista que refuta o pensamento do exclusivismo religioso, pensa na ideia de Deus como uma presença que permeia o mistério maior. Todas as religiões são doadoras de sentido de viver e são de alguma forma doadoras de salvação.

Contudo, o grande problema do exclusivismo está de fato na incompatibilidade dialógica da soteriologia cristológica com as outras religiões. O teólogo John Hick<sup>12</sup> é um dos proeminentes pensadores que desatará o nó do exclusivismo cristão, colocando, em discussão, a soteriologia cristã em diálogo com as demais tradições religiosas. O teólogo defende o pensamento de que o cristianismo é uma religião de salvação como as demais tradições religiosas. As religiões não cristãs, também, no discurso de Hick, são portadoras de salvação tanto quanto o cristianismo.

Na opinião de Hans Küng<sup>13</sup>, a rivalidade entre as religiões e o choque das culturas geram guerra entre as nações, enquanto que o diálogo das religiões torna-se o agente promotor

<sup>10</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 25.

<sup>11</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 26.

<sup>12</sup> JOHN HARWOOD HICK, Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Hick](https://en.wikipedia.org/wiki/John_Hick)>. Acesso em: 31 dez 2016. John Harwood Hick (20/01/1922 – 9/02/2012) foi um filósofo da religião e teólogo nascido na Inglaterra que ensinou nos Estados Unidos para a maior parte de sua carreira. Na teologia filosófica ele fez contribuições nas áreas da teodiceia, escatologia e cristologia e na filosofia da religião que ele contribuiu para as áreas de epistemologia da religião e pluralismo religioso.

<sup>13</sup> ELWELL, 1988, p. 405. De acordo com o autor: Hans Küng estudou teologia e filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Foi ordenado sacerdote em 1954. Continuou a sua educação em várias cidades europeias, incluindo Sorbonne em Paris. Sua tese doutoral foi “Justificação: A doutrina de Karl Barth e



de paz entre as nações.<sup>14</sup> O modelo do pensamento exclusivista gera contenda e separatividade, não se constitui como fator de agregação, mas de segregação<sup>15</sup>. Cada religião, na sua linguagem, constitui uma expressão cultural de um povo ou civilização. O catolicismo é romano, o luteranismo continua alemão e o episcopalismo de cultura inglesa, é a maneira como o modelo exclusivista interpreta as religiões, ou seja, cada igreja ou religião se apresenta como única intérprete da verdade de seus dogmas. A ideia do exclusivismo se depara diante do impasse do cristocentrismo de quem acredita em Jesus como o filho de Deus e não pode acreditar que Buda ou Krishna também sejam. Quem crê na ressurreição, não pode crer em reencarnação. Diante de tal impasse, se pode concluir que toda crença baseada no dogmatismo é exclusivista.

Segundo o professor Marcelo Barros<sup>16</sup>, fazendo uma interpretação das religiões, em nosso tempo, faz a crítica das certezas das religiões: “A ciência fala de relatividade e de incertezas, mas as religiões continuam a pretender ser ilhas de certezas e de segurança dogmática.”<sup>17</sup> Significa que dentro da modernidade e da relatividade, em que os absolutos não são mais referências para o conhecimento humano, a religião, nos tempos hodiernos, desafia a situação vivida.

A tensão entre o exclusivismo e a modernidade gera um resultado contraditório. As pessoas acabam ficando com dupla profissão de fé, o que se chama de “dupla pertença”, ou seja, alguém que, sendo de uma religião, mas, que comunga com outro tipo de fé, o fenômeno religioso não deixa de ser um efeito colateral das tensões do exclusivismo. De acordo com Tomita, Vigil e Barros:

Muita gente vive essa dupla pertença como sua forma de vivenciar a espiritualidade. Por motivos históricos, é comum uma pessoa do candomblé e da umbanda ser, ao mesmo tempo católica ou em alguns casos evangélica.<sup>18</sup>

uma reflexão católica”. Em 1960, Küng foi nomeado professor de teologia na Universidade Eberhard Karls em Tübingen, Alemanha. Juntamente com o seu colega Joseph Ratzinger (futuro Papa Bento XVI), foi apontado como perito pelo Papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. No final da década de 1960, Küng iniciou uma reflexão rejeitando o dogma da Infalibilidade Papal, publicada no livro *Infallible? An Inquiry* (“Infalibilidade? Um inquérito”) em 18 de janeiro de 1970. Em consequência disso, em 18 de dezembro de 1979, foi revogada a sua licença pela Igreja Católica Apostólica Romana de oficialmente ensinar teologia em nome dela, mas permaneceu como sacerdote e professor em Tübingen até a sua aposentadoria em 1996.

<sup>14</sup> KÜNG, Hans. *O islamismo: rupturas históricas – desafios hodiernos*. *Concilium*, v. 313, n. 5, p. 104, 2005.

<sup>15</sup> Cf. DISCRIMINAÇÃO. “segregação”. Dicionário *Priberam da Língua Portuguesa*. Ato ou efeito de segregar. Tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou grupo, com base em preconceitos de alguma ordem, notadamente sexual, religioso, étnico, etc. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/segrega%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

<sup>16</sup> MARCELO BARROS. Marcelo Barros de Sousa é um monge beneditino, escritor e teólogo brasileiro. Disponível em: <<http://marcelobarros.com/page/biografia/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

<sup>17</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2008, p. 45.

<sup>18</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2008, p. 48.

Muitas pessoas têm uma dupla pertença religiosa em que há uma “identificação” com símbolos religiosos cristãos e com de outras religiões, por exemplo, afro-brasileiras. Chama-se sincretismo<sup>19</sup> religioso. O sincretismo é um colapso do modelo exclusivista. Ou seja, dialeticamente falando, a força da tese do exclusivismo acaba gerando uma antítese do sincretismo. Onde há uma posição também há oposição. Toda leitura entende que o sincretismo é como forma de efeito colateral do exclusivismo religioso.

A dupla pertença consiste num fenômeno religioso que é resultado de um efeito colateral do modelo exclusivista religioso, em que uma é a religião do coração, a outra é a religião imposta socialmente ou aceitavelmente social a que devo pertencer, sob o controle do fundamentalismo religioso.

O fundamentalismo constitui a parte perversa do exclusivismo religioso, fato bem conhecido aqui no Brasil, no período colonial, quando Portugal atuava em sua colônia. A inquisição perseguia e mandava queimar na fogueira os chamados “cristãos novos”<sup>20</sup>, pessoas batizadas na igreja e acusadas de praticarem, ocultamente, o judaísmo.<sup>21</sup> Ser Cristão na época era socialmente aceitável, caso contrário sofria sanções da religião oficial. O mesmo aconteceu com as religiões de matrizes africanas que aqui chegaram e que ao fazerem suas adaptações com a religião oficial, também passavam pelo sincretismo religioso<sup>22</sup>. A pessoa escrava pertencia a duas religiões, uma a religião de seus ancestrais, a outra dos seus senhores de engenho. Tais fatos contribuem para a compreensão do fenômeno religioso da dupla pertença. De acordo com Tomita, Vigil e Barros pois:

‘ser candomblezeiro e ser católico ao mesmo tempo não constitui problema’; ‘a grande maioria dos frequentadores dos terreiros se diz católica’; ‘os fiéis não veem contradição alguma entre os orixás e os santos’; ‘o adepto do candomblé ao participar dos ritos católicos, transforma-os e reinterpreta-os a partir de sua própria religião.’<sup>23</sup>

<sup>19</sup> ELWELL, 1988, p. 397. “Sincretismo é a reunião de doutrinas diferentes com a manutenção embora de traços perceptíveis das doutrinas originais. Possui, por vezes, um certo sentido pejorativo na questão da artificialidade da reunião de doutrinas teoricamente incongruentes entre si. Frequentemente, quando se fala em sincretismo, se pensa no sincretismo entre diferentes religiões, no chamado sincretismo religioso”.

<sup>20</sup> ARAÚJO, Felipe. *Cristão Novo*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/cristao-novo/>>. Acesso em: 02 jan 2017. “Cristão-novo era a expressão utilizada para categorizar os judeus recentemente convertidos ao cristianismo. O termo tinha diversos significados dependendo das nações em que era empregado. Na Espanha, por exemplo, o cristão-novo era chamado de marrano, que, em português, significa porco. Neste caso, configura-se uma das primeiras formas de antissemitismo declarado da História.”

<sup>21</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2008, p. 49.

<sup>22</sup> Cf. VIGIL; TOMITA; BARROS, 2008, p. 53. “Sincretismo é o fenômeno que funde ou mistura os dois conjuntos de significados. Os símbolos de um se enchendo de significado do outro. Por exemplo: um orixá é identificado à virgem Maria.”

<sup>23</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2008, p. 80-81.

Marcelo Barros, no seu artigo sobre “Múltipla pertença e pluralismo vindouro” desenvolve a ideia de que o crente pode expressar sua fé não de modo relativista, mas relacional, o que deve relativizar toda a expressão exclusivista. O autor entende que o caminhar espiritual é dinâmico e não estático, pois, todo caminho espiritual é conhecido pela etinerância e pelas novas experiências a que se acrescentam. Pois, a dupla pertença ou múltipla pertença mostra que toda religião tem de ser uma luz que ilumina o caminho do projeto divino.<sup>24</sup>

O pensamento do paradigma do exclusivismo religioso tem como característica evidenciar que a perspectiva de verdade de matéria de fé vem da legitimação pessoal ou institucional, a qual não reconhece a viabilidade de afirmação de outra convicção de fé, ou seja, o exclusivista constitui, na própria identidade, a negação total e exclusiva de outras tradições como forma de acesso à salvação e a Deus.

O exclusivismo tem por natureza o caráter de ser absoluto nos seus pressupostos de verdade de fé, crenças e dogmas, enquanto avalia que as outras tradições espirituais e religiosas estão sob o poder do mal, vinculadas ao erro. O problema do paradigma do exclusivismo religioso está no fato de que nenhuma religião em si mesma possui a permissão, o mandato e o fundamento necessário para esgotar o sentido da vida. A história está repleta de exemplos de casos de violência perpetrados em nome da verdade religiosa, gerando conflitos inter-religiosos.

Na perspectiva exclusivista, portanto, se articula o elemento da “identidade religiosa” traduzido em símbolo e sentimento primordiais, tais como a terra, o idioma, e as memórias históricas, entre outros. No entanto, é a maneira como o exclusivismo busca pretensões absolutistas da verdade em nome de uma identidade, fortalecendo o etnocentrismo.<sup>25</sup>

A questão que se apresenta, então, é como articular o diálogo inter-religioso, a tolerância religiosa, sem abrir mão dos fundamentos exclusivistas, isto é, sem comprometer sua identidade histórica própria. O paradigma exclusivista que colocava a tradição cristã como exclusiva é questionado especialmente com a globalização, quando há o encontro com outras tradições religiosas, por exemplo, com o hinduísmo, o budismo e o islamismo. Na prática do ensino religioso numa escola pública, com o método exclusivista, há o convívio com o

---

<sup>24</sup> BARROS, Marcelo. *Múltipla pertença e pluralismo vindouro*. In: VIGIL; TOMITA; BARROS (Orgs), 2008, p. 59.

<sup>25</sup> SIGNIFICADO DE ETNOCENTRISMO. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/etnocentrismo/>>. Acesso em: 14 abr. 2017. “Etnocentrismo é um conceito da Antropologia definido como a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo, portanto, num plano mais importante que as outras culturas e sociedades. O termo é formado pela justaposição da palavra de origem grega ‘ethnos’ que significa ‘nação, tribo ou pessoas que vivem juntas’ e centrismo que indica o centro. Um indivíduo etnocêntrico considera as normas e valores da sua própria cultura melhores do que as das outras culturas”.

preconceito religioso, a não aceitabilidade de outra tradição ou de outra manifestação pública, que choca com a visão majoritária da sala de aula ou da escola. O exercício da intolerância é fruto do modelo exclusivista adotado pela maioria da comunidade que não foi educada de modo diferente.

## 1.2 Paradigma inclusivista

Para dar uma resposta ao paradigma exclusivista, surge um modelo inclusivista que é mais abrangente e permite o diálogo inter-religioso. Ele tem como traço de sua singularidade a atribuição de um valor positivo para as outras religiões, ou seja, que as religiões do mundo são caminhos de salvação, mas que culmina em salvação em Jesus Cristo. O espírito de Cristo se faz presente no crente não cristão, operando para além dos limites visíveis da Igreja.<sup>26</sup>

O paradigma inclusivista pela própria palavra subentende que as tradições religiosas contêm verdades e valores positivos reconhecidos, como quaisquer outras tradições religiosas em comum. No modelo, pode se dizer que as principais religiões do mundo possuem em sua essência uma doutrina, uma moral, um culto, uma liturgia, apenas variando o estilo, forma de linguagem, aspectos culturais, que, na verdade, seria a mesma forma de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes; isto é, comungam todas da mesma essência. Ou seja, o modelo inclusivista seria uma junção de todos os elementos comuns nas religiões, mas permanecendo, no seu aspecto periférico, as diferenças doutrinárias, ritualísticas, culturais, sem insistir no aspecto de religiões em termos de superioridade em relação a outra. Porém, a perspectiva inclusivista é hoje, certamente, a mais adotada entre os católicos, embora contemplem em seu horizonte posições diversas e mesmo contrastantes.

O modelo inclusivista defende a ideia de que a salvação de Deus se realizou na história humana manifestada em Cristo que veio a este mundo. No entanto, nem deixa de ser necessário o reconhecimento de que pelo mundo afora, outras personalidades de estatura espiritual elevada, também contribuíram com consciência na vida religiosa da humanidade.<sup>27</sup>

A tentativa de uma elucidação do modelo teológico inclusivista de encontrar valores positivos nas religiões não cristãs, destinou-se, também, a encontrar o seu acabamento, ou seja, a sua finalidade no cristianismo. Significa que tudo de bom e positivo existente nas religiões se completa dentro de um processo evolutivo das religiões, que deve culminar no cristianismo. O fenômeno que caracteriza o modelo teológico inclusivista é conhecido como a

---

<sup>26</sup> TEXEIRA, 2012, p. 29.

<sup>27</sup> VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 10.

“teoria do acabamento” na visão do professor Faustino Texeira em seu livro: “Teologia e Pluralismo Religioso”<sup>28</sup> que coloca Jean Daniélou<sup>29</sup> como o grande defensor da teoria.

O pensamento inclusivista religioso, na perspectiva Jean Daniélou, defende a “teoria da realização ou do acabamento”, alegando que a justificativa da existência das diversas religiões da humanidade se dá pelo fato de que existe um desejo nato do ser humano por uma união com o transcendente. A aspiração humana pelo divino é universal e encontra a sua resposta na revelação histórica de Jesus Cristo no cristianismo, como única e cabal resposta final ao anseio de todas as religiões.<sup>30</sup> É a concepção inclusivista defendida pelo historiador Jean Daniélou, que expõe o fato de que as outras religiões não exercem nenhum papel no mistério da salvação, sendo definidas como “religiões naturais”.

A diferença essencial que separa estas religiões naturais do cristianismo, segundo Daniélou, é Jesus Cristo, doador de salvação. ‘Enquanto as religiões testemunham o movimento do humano em direção a Deus, o cristianismo constitui o movimento de Deus em direção ao humano’<sup>31</sup>

A linha interpretativa do pensamento inclusivista encara o fato de que as religiões não cristãs não exercem o mistério da salvação, são consideradas como religiões naturais, portanto, sem salvação.<sup>32</sup> Pois, o fundamento interpretativo do modelo teológico inclusivista parte da ideia de que Deus tem a vontade salvífica da graça universal, da graça para todos. A graça de Deus oferecida pela mediação das instituições e das religiões, como veículo na transmissão de sua graça salvadora. O professor de teologia João Batista Libânio<sup>33</sup> chama como a posição de uma encarnação sócio-histórica da salvação nas religiões.<sup>34</sup>

É a posição inclusivista que considera as outras religiões não como falsas, mas que ocupam função provisória em relação à salvação dos seres humanos. Pois, as religiões contribuem com uma visão parcial da salvação de Deus para a humanidade, até o momento

<sup>28</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 30.

<sup>29</sup> JEAN DANIELÉLOU. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/jean-danielou>>. Acesso em: 03 jan. 2017. “Foi um padre jesuíta e cardeal francês, em 1944 foi professor de História Antiga do Cristianismo no Institut Catholique de Paris, onde anos depois, se tornou Decano. Participou como especialista no Concílio Vaticano II, sob pedido direto do Papa João XXIII.”

<sup>30</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 30.

<sup>31</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 31.

<sup>32</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos*: Tratado da Fé. São Paulo: Loyola, 2000. p. 419.

<sup>33</sup> João Batista Libânio foi um padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Ensinou na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (ISI – FAJE) em Belo Horizonte, e foi vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte, até sua morte. Seus estudos de teologia sistemática foram efetuados na Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, onde estudou com os maiores nomes da teologia europeia. Seu mestrado e doutorado (1968) em teologia foram obtidos na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao394.pdf>>. p. 5. Acesso em: 03 jan. 2017.

<sup>34</sup> LIBÂNIO, 2000, p. 419.

em que elas apontem para a definitiva religião universal que culmina com a atividade final de Deus, que é Jesus Cristo, causa constitutiva e a consumação da experiência da graça feita para todo ser humano.<sup>35</sup>

Na orientação do paradigma inclusivista religioso, o Cardeal Henri de Lubac<sup>36</sup> como professor de religiões comparadas, comenta, na sua reflexão, que só o cristianismo, desde sua formação, constitui-se como uma religião sobrenatural. Por essa razão, tem chance divina e é suficiente para justificar sua superioridade diante das outras religiões. Na opinião do autor, as outras religiões não são destituídas de verdade e bondade, ou seja, em todo ser humano está impressa uma imagem de Deus.<sup>37</sup>

Na perspectiva do Cardeal Lubac, no entanto, só o cristianismo é convocado a transformar o esforço religioso da humanidade no sentido de combater os seus desvios em direção a uma purificação religiosa. No entendimento dele, o cristianismo seria a correção dos desvios de revelação das outras religiões, e que as outras tradições são formas de busca de Deus temporárias, transitórias até encontrar a sua plenitude no cristianismo. O modelo de entendimento das outras tradições religiosas guardaria em si, na sua essência, a forma anônima ou implícita dos valores do cristianismo.<sup>38</sup>

O livro de Don Richardson<sup>39</sup> “Fator Melquisedeque” afirma que Deus preparou o mundo para o evangelho. É a tese que o autor procura demonstrar em seu livro. O livro funciona na mais perfeita lógica do modelo inclusivista, isto é, o conteúdo da mensagem do reino apregoada nos evangelhos está sutilmente subjacente, e em cada cultura de tradição religiosa como uma espécie de protoevangelho. Existe uma mensagem do evangelho originalmente encapsulada na visão de mundo de cada cultura.

---

<sup>35</sup> LIBÂNIO, 2000, p. 419.

<sup>36</sup> Cardeal Henri de Lubac foi um cardeal francês. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. Influuiu no Concílio Vaticano II. Desde de 1929 ensinou teologia fundamental e história das religiões na faculdade de teologia da Universidade de Lyon-Fourviere, da sua ordem. Durante a ocupação alemã na França foi preso várias vezes. Disponível em: <[http://www.snpcultura.org/id\\_henri\\_de\\_lubac.html](http://www.snpcultura.org/id_henri_de_lubac.html)>. Acesso em: 03 jan. de 2017.

<sup>37</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 32.

<sup>38</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 32.

<sup>39</sup> Don Richardson (nascido em 1935) é um canadense Christian missionário, professor, autor e palestrante internacional que trabalhou entre os povos tribais da Nova Guiné Ocidental, Indonésia. Ele argumenta em seus escritos que, escondidos entre culturas tribais, geralmente há algumas práticas ou entendimentos, o que ele chama de “analogias redentores”, que podem ser usados para ilustrar o significado da Christian Gospel contextualizando a bíblica representação da encarnação de Jesus. Disponível em: <<http://apaixonadopormissoes.blogspot.com.br/2015/01/don-richardson-biografia-mensagens.html>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

O teólogo Karl Rahner<sup>40</sup> interpreta o fenômeno chamado “cristãos anônimos”<sup>41</sup>, existente em cada cultura religiosa como no cristianismo e em outras tradições religiosas. Rahner entende que a “revelação salvífica de Deus deu-se, portanto, muito além dos limites espaço-temporal do Antigo Testamento e do Novo Testamento”.<sup>42</sup> Na sua visão, existem pessoas que, mesmo não conhecendo especificamente o evangelho do Jesus histórico, puderam, em sua sensibilidade, captar a mensagem salvadora de Deus em sua própria linguagem e em sua cultura. O autor declara que é possível encontrar o evangelho do reino, ainda de forma fragmentada, nas mais variadas tradições religiosas, espalhadas pelo mundo a fora. Também, demonstra que, no modelo inclusivista, as religiões não são mais do que uma cópia imperfeita e provisória do evangelho. Com a chegada do evangelho revelado, as religiões chegaram a um estado de plenificação na revelação cristã. A perspectiva de evangelho, nas culturas, é defendida dentro do modelo inclusivista. O teólogo católico Karl Rahner defende a existência da presença de Cristo nas religiões. A perspectiva, também, é bem defendida no âmbito protestante. O teólogo Paul Tillich<sup>43</sup> afirma que as diversas tradições religiosas da humanidade são portadoras de valores soteriológicos<sup>44</sup>.

No paradigma teológico inclusivista, a religião cristã é considerada não somente como ponto culminante, mas também como ponto de convergência de todas as religiões.<sup>45</sup> O paradigma inclusivista apresenta Cristo e, conseqüentemente, a igreja como norma definitiva para julgar as outras formas religiosas. No processo de entendimento sobre inclusivismo

---

<sup>40</sup> Um dos maiores teólogos católicos do século XX, Karl Rahner nasceu em Freiburg, na Alemanha, em 1904. Foi sacerdote jesuíta, ordenado em 1932. O teólogo Karl Rahner foi um dos mais importantes e criativos teólogos da tradição católica no século XX, teve um papel fundamental no incentivo à abertura da igreja católica-romana às diversas tradições religiosas. Disponível em: <<http://teologia-contemporanea.blogspot.com.br/2008/02/karl-rahner-1904-1985.html>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

<sup>41</sup> Cristãos Anônimos são todos os homens são implicitamente cristãos, mesmo que anônimos, uma vez que todos apreendem o Deus da Revelação através da apreensão do próprio ser, sobretudo através do bom uso de sua moralidade o homem exercita virtudes teológicas importantes como fé, esperança e caridade, dessa forma segundo Rahner o homem experimenta a graça de Jesus Cristo mesmo sem saber que o fazia. Disponível em: <<http://leandronazareth.blogspot.com.br/2013/05/karl-rahner-e-o-conceito-de-cristao.html>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

<sup>42</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; POZZO, Ezequiel Dal. *Investigando o conceito de Cristianismos Anônimo em K. Rahner*. *Teocomunicação*, Porto Alegre v. 37 n. 157, p. 374, set. 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2FLnH9O>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

<sup>43</sup> ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã*. v. III. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.532. Paul Tillich foi um teólogo alemão-estadunidense e filósofo da religião. Tillich foi contemporâneo de Karl Barth, também um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX.

<sup>44</sup> SOTERIOLOGIA. Disponível em: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Soteriologia>>. Acesso em: 04 jan 2017. A soteriologia é o estudo da salvação humana. A palavra é formada a partir de dois termos gregos σωτήριος [Soterios], que significa “salvação” e λόγος [logos], que significa “palavra”, ou “princípio”. Cada religião oferece um tipo diferente de salvação e possui sua própria soteriologia, algumas dão ênfase ao relacionamento do homem em unidade com Deus, outras dão ênfase ao aprimoramento do conhecimento humano como forma de se obter a salvação.

<sup>45</sup> VIGIL, José M.; TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo. *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 318.

religioso do cristianismo, Karl Barth, pastor da Igreja Reformada, um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante, admite que as religiões são a tentativa presunçosa do ser humano de se justificar por si só; enquanto a fé em Cristo é a única que justifica o ser humano diante de Deus<sup>46</sup>. O pronunciamento soa mais para o exclusivismo, mas, entende-se que as religiões não cristãs podem ser consideradas meio soteriológicos provisórios, pois, até as mesmas conhecem a forma definitiva de salvação que o cristianismo apresenta. O inclusivismo declara que as religiões são de caráter provisório, no seu processo de maturação, até chegar ao pleno conhecimento da revelação cristã.

Os inclusivistas representam, hoje, um bom número de cristãos, que tem como característica fundamental a defesa de que a religião cristã se constitui no cumprimento dos valores religiosos realizados em Cristo. De modo que tudo aquilo que, fragmentariamente, se encontra em outro lugar, acredita-se que tinha sido vivido e apresentado por Cristo em plenitude de modo acabado. Apresenta o cristianismo como norma definitiva para julgar as outras formas religiosas. Pois, quem segue a Cristo ou pertence à igreja, possui os parâmetros de avaliação para captar o bem que existe nas outras religiões.<sup>47</sup>

O teólogo católico G. D'Costa<sup>48</sup>, indiano de Goa, crescido no Quênia e formado na Inglaterra, afirma que Jesus é o critério normativo de Deus. Cristo constitui a norma para compreender Deus. Na realidade, não é uma norma estática, e, sim, uma norma que é continuamente transformada e enriquecida pela função própria do Espírito de guiar, anunciar e julgar. O teólogo esclarece que a mediação única de Jesus Cristo é a vontade salvífica universal de Deus.<sup>49</sup>

É através de Jesus Cristo que os componentes da graça divina estão presentes em outras religiões. Ele afirma que as outras religiões podem ser, em princípio, mediações da graça salvadora de Jesus Cristo. No entanto, toda graça vem e termina em Jesus Cristo.<sup>50</sup>

D'Costa é um crítico persistente da abordagem do pluralismo do teólogo inglês John Hick. Ele contrapõe a ideia de Hick que afirma que todas as religiões levam à mesma realidade divina. Em relação a essa proposta de Hick, o teólogo D'Costa publicou o livro “O

---

<sup>46</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2003, p. 319.

<sup>47</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2003, p. 21.

<sup>48</sup> GAVIN D' COSTA. É um teólogo católico, nascido no Kenya, de origem hindu, que tem se dedicado ao estudo do diálogo entre as religiões. Professor de Teologia Cristã na Universidade de Bristol, da Grã-Bretanha. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1584-gavin-d%E2%80%99costa>> Acesso em: 05 jan. 2017.

<sup>49</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2003, p. 324.

<sup>50</sup> GAVIN D' COSTA. Disponível em: Parte da aba artigo traduzido do inglês para o português Disponível em: <<http://bit.ly/2F8qWer>>. Acesso em: 05 jan. 2017.



Encontro das Religiões e da Trindade (2000)”, em que defende a graça de Deus operando dentro das diversas tradições religiosas de uma forma fragmentária e rudimentar.<sup>51</sup>

O paradigma inclusivista opera na perspectiva de que a presença salvadora de Deus está permeada nas religiões não Cristãs. A opinião inclusivista deu lugar ao conceito de cristãos anônimos que estão espalhados pelas religiões afora. Aproveu Deus encontrar os anônimos, independente da cultura e/ou da religião a que pertençam, para salvá-los através de Jesus Cristo. Mesmo que eles, pessoalmente, não conheçam o cristianismo bíblico, pois, o mesmo foi alcançado pela revelação de Deus em Cristo.

A forma de pensar coaduna com a proposição do teólogo W.Pannenberg<sup>52</sup>, que é conhecido como teólogo inclusivista, quando declara o caráter universal da perspectiva de Jesus (cita especialmente Lc 13:29): “Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do norte e do sul, e reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus”. Mat.25:40 “E responder-lhes-á ao Rei. Em verdade vos digo que, sempre que o fizeste a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes”.

Pannenberg, com base no modelo inclusivista, interpreta o texto no seguinte formato: que Jesus se torna, portanto, o critério de avaliação universal para todos os seres humanos. Ou seja, no campo inferencial todas as religiões estão de alguma forma atreladas ao critério de alteridade que Jesus mencionou. A relação de fraternidade é universal, mas se torna um valor balizador no seu julgamento final.<sup>53</sup>

O modelo inclusivista, antes de mais nada, é uma maneira de dizer que há a centralidade, a definitividade e o caráter absoluto na revelação cristã, mesmo que nas outras religiões possa haver salvação. Mas, são salvações de cunho provisório, não acabadas e que culminam, indiretamente, numa salvação cristã.<sup>54</sup> O teólogo católico Karl Rahner entende que pelo fato das religiões possuírem uma salvação, deve-se à interpretação de que todas etnias buscam por uma experiência com um tipo de transcendência:

---

<sup>51</sup> Parte da aba artigo traduzido do inglês para o português Disponível em: <<http://bit.ly/2F8qWer>>. Acesso em: 05 jan 2017.

<sup>52</sup> PANNENBERG, Wolfhard. “Teologia Sistemática Volume 1”. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2009. capa. “Wolfhart Pannenberg – (\*1928) É um dos maiores teólogos protestante alemão contemporâneos. Nascido em Stettin, professor de teologia sistemática em Heidelberg (1954), Wuppertal (1958) e Mainz (desde 1961). A doutrina teológica de Pannenberg considera que a realidade histórica tem prioridade sobre a fé e o raciocínio humano”.

<sup>53</sup> VIGIL; TOMITA; BARROS, 2003, p. 325.

<sup>54</sup> TEIXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude Geffré. *NUMEN- Revista de Estudos da Religião*, n: 11, Juiz de Fora, v. I. n. I, p. 49-51. Disponível em: <<https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/897/779>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

Todos os seres humanos estão voltados para a transcendentalidade. É algo inerente ao ser humano voltar-se para o mistério da criação e da imanência. Por causa disso, todos transcendem a si mesmos e a natureza<sup>55</sup>

O entendimento sobre o transcendente que Karl Rahner defende é que em cada religião há salvação, porque o indivíduo é tomado por uma “transcendência”. Vale entender que a salvação, de alguma forma, é experimentada porque toca no transcendente. Então, K.Rahner afirma que toda pessoa que tem uma experiência com o divino é chamada de “cristão-anônimo”, ou seja, o cristão anônimo nada mais é alguém que ainda não passou pela experiência salvífica específica da tradição cristã. Porém, compartilha, no seu contexto cultural religioso, com a salvação de maneira indireta do Cristo histórico para um Cristo cósmico.

Na interpretação do teólogo Karl Rahner, a tipificação de “cristão anônimo”, nada mais é do que a visão do paradigma do inclusivismo. No paradigma cristão, o cristianismo é catalisador de outras tradições, de forma que o “cristão anônimo”<sup>56</sup> experimentará a salvação e a graça de Jesus Cristo, mesmo sem saber o que Jesus fazia.<sup>57</sup> O cristão anônimo vive a experiência do amor, da fé, da esperança e da bem-aventurança, mesmo que de fato não perceba de maneira explícita o evangelho, mas seu *modus vivendi* opera os valores que o conduzirão a uma salvação.<sup>58</sup>

É a ideia debatida pelo teólogo K. Rahner em que o “cristão anônimo” permanece sem nenhum vínculo institucional, mas vive plenamente o aspecto moral do cristianismo, ou seja, os valores do cristianismo como solidariedade, fraternidade e o respeito entre as raças, a crença na recompensa do “por vir” que está embutido na sua militância de vida. Ainda que não proclame o cristianismo histórico.

Para Rahner, o aspecto da receptividade do transcendente, do sobrenatural que é inerente à condição humana é o bastante para haver salvação para qualquer indivíduo em qualquer região e na religião na qual a pessoa se encontra. Ela será alcançada pela graça divina. Na perspectiva de Rahner, a lógica é: Deus deseja que todos sejam salvos (1Tm 2.4) e

<sup>55</sup> PORTE JUNIOR, Wilson. Karl Rahner e o cristão anônimo: a fenomenologia transcendental, *Revista teologia histórica*, 2013. Disponível em: <<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=340>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>56</sup> LOPES, José Ivan. *O conceito de ‘cristão anônimo’ na Teologia de Karl Rahner*. Disponível em: <<http://paracatu.net/view/6398-o-conceito-de-cristao-anonimo-na-teologia-de-karl-rahner>>. Acesso em: 06 jan. 2017. Este termo é uma expressão típica da teologia de Karl Rahner na sua obra “Cristianismo e religiões não cristãs”.

<sup>57</sup> PORTE JUNIOR, 2013, n.p.

<sup>58</sup> SINNER, Rudolf Eduard von. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. *Caderno Teologia Pública*, Ano 2, n. 9, p. 12, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2005. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

a fé em Cristo é necessária para a Salvação. Por isso, todos podem crer. A graça de Deus está em todos os homens, até que o homem ou a mulher sejam efetivamente impactados pelo Evangelho.<sup>59</sup>

No modelo inclusivista, até mesmo o ateu pode ser incluído na dispensação da graça de Deus. No testemunho do teólogo K.Rahner, basta que se pratique a justiça, o bem, a esperança e a alteridade. Tais itens, tornam-se critérios de aceitabilidade da graça divina, Rahner diz que: “a graça de Deus está operando até mesmo nos ateístas, que não estão excluídos da salvação, dado que eles não têm agido contra sua consciência moral como resultado de seu ateísmo”.<sup>60</sup> Segundo Hackmann e Dal Pozzo, para Rahner:

[...] é preciso crer que Deus pode vencer também lá aonde a Igreja não chega. A tese de Rahner é confirmada pela Constituição Lumen Gentium n. 16, onde está afirmado que para todos aqueles que não receberam o Evangelho sem culpa alguma existe a possibilidade de salvação eterna. Essa afirmação pode abrir para a possibilidade de um ateísmo. Contudo, se diz que sob este pode esconder-se um teísmo atemático, realizado só existencialmente pela obediência radical à consciência. A salvação, no entanto, se dará sempre por graça, pois Deus, através do seu Espírito, pode outorgar a fé por caminhos só a Ele conhecidos para aqueles que nunca ouviram falar do Evangelho. Sendo assim, o significado de cristianismo anônimo está de acordo com a doutrina conciliar.<sup>61</sup>

Para Rahner a graça de Deus é universal em todas as culturas. É possível ser salvo sem jamais saber quem foi Jesus Cristo. Entretanto, a salvação de Cristo é balizadora para todas as culturas, ou seja, toda cultura que se aproxima dos valores cristãos é considerada salva, e os mesmos foram alcançados pela providência divina. No entanto, Rahner não foge da confessionalidade da Igreja Católica.

Para o autor aqui estudado, aos olhos de um não-cristão poderá parecer presunção do cristão submeter a salvação e a santificação de cada um dos seres humanos à graça do seu Cristo, denominando isto de ‘cristianismo anônimo’, porque somente falta a reflexão temática ao que já está experimentando. Essa presunção, porém, não pode ser renunciada pelo cristão, uma vez que ela significa a sua mais profunda humildade em frente a si mesmo e à Igreja. Ele reconhece que Deus é maior do que o ser humano e a Igreja. Diante de tudo isso, torna-se explícito que a teoria rahneriana acentua o aspecto inclusivista.<sup>62</sup>

O modelo inclusivista do autor, mesmo que apresente uma possibilidade excepcional (a de que alguém que não tenha ouvido o evangelho possa estar em um estado de graça), leva a uma visão da Igreja, no trato com as demais formas de crenças, de que todos os seres humanos são como cristãos anônimos. Embora todos os caminhos, dentro das Escrituras

<sup>59</sup> PORTE JUNIOR, 2013, n.p.

<sup>60</sup> PORTE JUNIOR, 2013, n.p.

<sup>61</sup> HACKMANN, DAL POZZO, 2007, p. 386.

<sup>62</sup> HACKMANN, DAL POZZO, 2007, p. 386.

Sagradas, tendem a tratá-los não como cristãos, mas, como pessoas que potencialmente podem ser alcançadas pela mensagem cristã. O cristianismo, portanto, na sua forma doutrinal torna-se, então, o acabamento final de todas as crenças. Na perspectiva de Rahner: “O inclusivismo não anula a verdade nas outras religiões e, ao mesmo tempo, não perde de vista a centralidade de Cristo.”<sup>63</sup>

No modelo inclusivista, a reflexão a ser desenvolvida é a de entender que existe uma autonomia de salvação nas religiões, mas sem deixar de levar em consideração o caráter salvífico de Jesus Cristo histórico, que exerceu uma grande influência na história de toda a humanidade. A revelação de Jesus Cristo histórico é apontada como a culminação da revelação de Deus ao mundo. Sem querer esgotar o entendimento do modelo, pode-se afirmar que o cristianismo é a revelação atualizada de Deus e os que não são cristãos podem ser salvos, ainda que desconheçam a salvação histórica do cristianismo, mas o “Cristo” de alguma maneira secreta está relacionado com eles.<sup>64</sup>

O teólogo Raimon Panikkar<sup>65</sup> identificou “um Cristo desconhecido do Hinduísmo”.<sup>66</sup> Ele afirma, segundo Roberlei Panasiewicz que: “Jesus Cristo é o único mediador, mas não é monopólio dos cristãos; ele está, de fato, presente e operante em toda religião autêntica, qualquer que seja o seu nome ou forma”<sup>67</sup>. A colocação confirma a transcendência do Jesus histórico. A designação do título “Cristo” está implícita de forma inerente às religiões. Segundo o autor, “O cristianismo carrega consigo a pretensão em ser a religião verdadeira com caráter único e absoluto com pretensão de universalidade.”<sup>68</sup> Concluindo, na perspectiva inclusivista, portanto, Cristo é mais que Jesus, é o “nome acima de todos os nomes (cf. Fp 9.9)”<sup>69</sup>. A palavra “Cristo”<sup>70</sup> tem um sentido universal e não tão somente o Jesus histórico encarnado. Cristo tem o significado de salvador universal, o salvador do mundo, de todos os povos e de todas as tradições religiosas, portanto, afirmando uma perspectiva inclusivista.

<sup>63</sup> HACKMANN, DAL POZZO, 2007, p. 391.

<sup>64</sup> HACKMANN, DAL POZZO, 2007, p. 391-392.

<sup>65</sup> VIGIL; TOMITA.; BARROS, 2008. p. 386. “RAIMON PANIKKAR. Pannikar foi um sacerdote católico romano, teólogo e filósofo espanhol, grande promotor do diálogo inter-religioso.”

<sup>66</sup> SINER, 2005, p. 12.

<sup>67</sup> Cf. PANASIEWICZ, Roberlei. *Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Prefácio de Andrés Torres de Queiruga. Belo Horizonte: C/Arte, 1999. p. 47.

<sup>68</sup> PANASIEWICZ, 1999, p. 47

<sup>69</sup> SINER, 2005, p. 13.

<sup>70</sup> CRISTO. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cristo/>. Acesso em 07 Jan 2017. Cristo é o termo usado em português para traduzir a palavra grega Χριστός (Khrístós) que significa “Ungido”. [1] O termo grego, por sua vez, é uma tradução do termo hebraico מָשִׁיחַ (Māšîaḥ), transliterado para o português como Messias. A palavra geralmente é interpretada como o sobrenome de Jesus por causa das várias menções a “Jesus Cristo” na Bíblia. A palavra é, na verdade, um título, daí o seu uso tanto em ordem direta “Jesus Cristo” como em ordem inversa “Cristo Jesus”, significando neste último O Ungido, Jesus. Os seguidores de Jesus são chamados de cristãos porque acreditam que Jesus é o Cristo, ou Messias, sobre quem falam as profecias da Tanakh (que os cristãos conhecem como Antigo Testamento).

Na prática de ensino religioso realizada em sala de aula, numa perspectiva inclusivista mais positiva, o educador deve apresentar os valores comuns das religiões, estabelecer o diálogo inter-religioso, identificar e legitimar os aspectos morais e éticos preconizados nas variadas vertentes religiosas. As formas externas da religião, como o culto e o ritual, a linguagem cultural, a concepção de transcendente, tudo isto é importante no ponto de vista antropológico, numa exposição de conteúdo em sala de aula, considerando a ideia suprema da diversidade religiosa.

Em contrapartida, negativamente, pode-se verificar, não raras vezes, uma espécie de abordagem preconceituosa por parte do professor, numa exposição inclusivista, que dá importância a uma hierarquia entre as religiões cujo discurso é promover as diferenças e as comparações, sobrepujando uma religião em detrimento de outra(s). Conduzir uma exposição de ideia inclusivista é dizer que uma religião não alcançou sua maturidade, que ela é incompleta, para ser bem aceita do ponto de vista social, talvez seja uma religião que está em processo. Ou que ela não seja adequada dentro dos padrões e normas de uma maioria que rechaça as expressões religiosas das minorias ou das religiões minoritárias em relação às religiões majoritárias. O próximo capítulo reflete sobre o pluralismo religioso.

## 2 PLURALISMO RELIGIOSO

O paradigma pluralista religioso é uma característica da pós-modernidade, com características próprias e distintas. Dentre elas se destacam a polivalência de gostos e de ideologias diversas, e a não opção por uma verdade única, mas por várias verdades. Não existe uma escolha única ou apenas uma forma de crença. O tempo presente permite liberdade de escolha, em razão da imensa diversidade religiosa. Desde a reforma protestante os indivíduos podem livremente decidir por uma religião diferente de sua tradição sem ser rechaçado pelo meio em que ele vive.

O pluralismo da religião é um valor para a sociedade moderna, ainda que não seja um valor absoluto em todo lugar. A possibilidade do indivíduo escolher livremente seu credo é uma das mais supremas conquistas da sociedade atual e plural. Esta capacidade de mudança religiosa é consequência de uma evolução das sociedades democráticas, transferindo para a esfera pessoal os riscos das escolhas.

Neste capítulo que sucede trabalharemos a visão do paradigma pluralista, abordaremos a visão teológica teocêntrica pluralista, visão que sustenta a Cristo como caminho, mas não o único modo para chegar a Deus. A salvação não tem de passar, necessariamente, pela Igreja ou por Cristo.

Reflete-se neste capítulo sobre o pluralismo religioso, partindo de uma hipótese pluralista, mas que as verdades se encontram em todas as religiões. Esse é o pluralismo religioso. Transferindo esse conceito para o ensino religioso na escola pública, a hipótese pluralista é a mais viável, porque no viés pluralista não há religião superior a outra, a verdade está pulverizada nas religiões. Neste lugar de aprendizado, na sala de aula, o aluno, confrontado na matéria de ensino religioso, guiado por um orientador consciente e ciente da diversidade religiosa, pode compreender que cada religião tem seu valor singular, que há necessidade de respeito, tolerância e convivência pacífica.

### 2.1 Uma hipótese pluralista

Existe, no senso comum, o “chavão: ‘Política, futebol e religião não se discutem’”. No ponto de vista do senso comum, no cotidiano das pessoas, a colocação se baseia na falsa premissa de que não devemos debater sobre assuntos religiosos. O argumento propõe uma saída mais amistosa, menos danosa e não ofende o orgulho religioso de ninguém. Quem

argumenta com esse chavão<sup>71</sup> “todos os caminhos levam a Deus” (ou ao paraíso, ou à salvação) tenta amenizar a discussão. O que não é bom. Ora, esta é uma visão que não traz em si toda a verdade. Devemos, sim, discutir para que tenhamos a clareza sobre o que pensamos. É na liberdade de discussão que ganhamos novas e boas ideias que nos ajudarão num posicionamento mais coerente e fiel da realidade.

No entanto, uma resposta para tal indagação necessita ser desenvolvida pela hipótese pluralista, no sentido de não oferecer uma resposta pronta, acabada, sobre qual religião deve ser seguida, mas um critério racional. O objetivo do pluralismo é a proposição do diálogo teológico e filosófico, mas, o diálogo não implica, necessariamente, chegar a um acordo.<sup>72</sup> Significa que no pluralismo o que se defende é o permanente diálogo, sem convencimento de verdade de uma religião sobre outra. Por outro lado, o desafio do pluralismo é o enfrentamento com a ideia do inclusivismo cristão, que acha que Deus imputa a condenação eterna, em maior parte da raça humana, pois a mesma nunca conheceu o evangelho cristão.<sup>73</sup> Todas as demais religiões que não são cristãs estão perdidas. Não há salvação fora do cristianismo. O pluralismo, ao contrário, anuncia que diferente do cristianismo há um tipo de salvação para a humanidade, não computada na tradição cristã.

No pluralismo religioso, não é possível estabelecer conceito de salvação única em detrimento das demais religiões. John Hick declara que:

A fim de tornar plausível a ideia de que as grandes religiões mundiais são todas inspiradas e convertidas em fonte de salvação pela mesma influencia transcendente, temos de ir além da figura histórica de Jesus, alcançando uma fonte universal de toda transformação salvífica. Os cristãos podem chamá-lo de cristo cósmico ou logos eterno; hinduístas e budistas, de Dharma; os muçulmanos talvez lhe deem o nome de Allah, os taoístas podem denominá-lo Tao e assim por diante.<sup>74</sup>

A ideia de Hick, embora parecida com o inclusivismo, aponta para o fato de que o fenômeno inclusivista é um processo que tende a mover-se em direção ao pluralismo<sup>75</sup>. O argumento pluralista das religiões com suas tradições e teologias deve ser mantido para que elas encontrem de forma original a sua singularidade e identidade. A proposta pluralista não é fazer com que as religiões mudem o seu *modus operandi*, antes, é fazer reconhecer e respeitar as diferenças culturais e históricas de cada tradição religiosa. Elas devem afirmar as suas

<sup>71</sup> CLICHÊ. Dicionário Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/clich%C3%AA/>>. Acesso em: 24 abr. 2017. “Clichê é uma expressão idiomática que de tão utilizada, se torna previsível. Desgastou-se e perdeu o sentido ou se tornou algo que gera uma reação ruim, algo cansativo em vez de dar o efeito esperado ou simplesmente repetitivo.”

<sup>72</sup> HICK, John. *Teologia Cristã e Pluralismo Religioso o arco-íris das religiões*. São Paulo: Attar, 2005. p. 27.

<sup>73</sup> HICK, 2005, p. 43.

<sup>74</sup> HICK, 2005, p. 47.

<sup>75</sup> HICK, 2005, p. 47.

particularidades, sem nenhuma forma de adequação de uma tradição a outra, reconhecendo seus contextos autênticos de salvação e libertação, cada qual com seu respectivo caráter.<sup>76</sup>

A hipótese pluralista como resposta ao modelo inclusivista cristão é que a figura histórica de Jesus foi transcendida do conceito de salvação particularista para universal, uma vez entendendo que Jesus, como “logos” eterno, está embutido de maneira anônima ou secreta nas tradições religiosas, ficando conhecido como o Cristo cósmico.<sup>77</sup> A maneira como a religião cristã se adaptou de um conceito particular para um conceito universal das religiões, quando ela afirma que Cristo não é apenas do cristianismo, mas que Ele se tornou um Cristo para todas as religiões. A posição é pluralista e não inclusivista.<sup>78</sup>

A hipótese pluralista defendida por Hick<sup>79</sup> coloca que “o cristianismo deixa de ser o único e exclusivo meio de salvação, e que as outras tradições religiosas aparecem como instâncias legítimas e autônomas de salvação, como religiões verdadeiras [...]”<sup>80</sup> A todo instante Hick em seu livro “Teologia cristã e pluralismo religioso” desenvolve a ideia de que a religião cristã não é única religião que responde às questões últimas, e dá sentido à vida. A religião cristã não é a única produtora de sentido. Ela é uma entre tantas outras religiões a produzir sentido para a existência. Hick coloca o cristianismo em diálogo com as outras tradições espirituais, sem, contudo, anular sua identidade, também, sem usurpar o lugar devido das outras tradições religiosas.<sup>81</sup>

Para o estudioso, Deus pode ser visto de vários ângulos. Cada religião fornece uma percepção da face de Deus, que outra religião não oferece. Isto seria a riqueza da hipótese pluralista da religião. As religiões, na visão de Hick, estão não para serem combatidas e eliminadas, mas, elas existem para ser uma expressão de Deus na terra, tendo um grande potencial de contribuição para a humanidade.<sup>82</sup>

Na tentativa de compreender melhor o fenômeno do “pluralismo religioso”, didaticamente, utilizaremos como forma de ilustração uma contribuição de uma fábula de folclore hindu, que Buda contou a respeito de um rei, cujos súditos viviam em disputas religiosas sem fim, cada qual se considerando o único representante da verdade. Ele contou a

<sup>76</sup> HICK, 2005, p. 69.

<sup>77</sup> PANASIEWICZ, 1999, p. 52.

<sup>78</sup> SILVA, Elias Gomes da. O Paradigma do inclusivismo religioso em Karl Rahner. *Teocomunicação*. v. 43 n. 2 p. 242-243 jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/14757/10809>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

<sup>79</sup> HICK, 2005, p. 2. “O filósofo e teólogo inglês John Hick é um dos grandes pioneiros da atual reflexão sobre a teologia do pluralismo religioso. Oriundo da tradição presbiteriana da Inglaterra, hoje ligada à Igreja Unida Reformada, autor de uma vasta produção bibliográfica, ainda pouco conhecida no Brasil.”

<sup>80</sup> HICK, 2005, p. 12.

<sup>81</sup> HICK, 2005, p. 13. Para Hick, “a fonte e o fundamento de tudo, e esta realidade é inefável, não podendo ser apreendida ou esgotada por nenhum sistema de crença em particular.”

<sup>82</sup> HICK, 2005, p. 12-13.



“Fábula dos cegos e o elefante”, que relata como cada cego que apalpou o elefante e o sentiu de forma diferente, demonstrando, assim, que cada indivíduo vê as coisas somente do seu ponto de vista. Não pode, portanto, pensar que somente ele pode estar certo. Ficando sem entender que outro, na sua percepção, pode estar certo também no seu ponto de vista. A fábula conclui que os cegos, individualmente, perceberam que eram incapazes de aceitar que os outros podiam ter tido outras experiências. De acordo com a fábula, cada cego percebeu só uma parte do elefante sem compreender a realidade do todo da forma como estava distribuído, com outras experiências de outros cegos, que estavam observando o elefante. A fábula diz que não se deve negar outras percepções ou outras experiências. A conclusão é que juntassem todas as experiências para se chegar à percepção melhor do elefante.<sup>83</sup>

Por analogia da fábula, Deus é o centro, isto é, o todo fragmentado nas percepções das religiões. Cada religião tem uma visão fragmentada de Deus. E cada religião é uma parte perceptível de Deus. Logo, se conclui que Deus não pode ser propriedade de verdade de nenhum sistema de crença. Todas as crenças têm em Deus uma parte, uma faceta de percepção, da maneira que podemos entender o que seja pluralismo religioso. Na mesma direção, para melhor compreender o fenômeno religioso pluralista o professor Faustino Teixeira se utiliza da metáfora do “arco-íris” expressão utilizada pelo filósofo e teólogo John Hick em seu livro, “Teologia cristã e pluralismo religioso o arco-íris das religiões”, em que o professor Teixeira participa do livro na apresentação. E, na apropriação do termo “arco-íris”, Teixeira remete à metáfora do “arco-íris” para dizer sobre o conjunto das diversas religiões que circulam em torno de um centro que é o “sentido último” ou o “transcendente” ou “Deus” que gravita no centro das religiões.<sup>84</sup> O sentido que Teixeira dá ao texto de John Hick é o do mais autêntico fenômeno do pluralismo religioso.<sup>85</sup> Ele se expressa dizendo que:

Arco-íris é escolhido como metáfora que expressa a positiva refração da luz divina, ou do Real, nas diversas culturas religiosas da humanidade.

As grandes religiões são reconhecidas por Hick como meios bem diferentes, mas igualmente válidos, de experimentar e responder à Realidade Última que no cristianismo é reconhecida como Deus.<sup>86</sup>

Hick desenvolve a temática da descentralidade do cristianismo histórico, porque para o autor “...levar a sério o pluralismo significa rever radicalmente a estrutura tradicional da

<sup>83</sup> INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. *Todos os jeitos de crer – ensino inter-religioso*. v. 4, São Paulo: Ática, 2003. p. 16-17.

<sup>84</sup> TEIXEIRA, in: HICK, p. 9-13.

<sup>85</sup> TEIXEIRA, Faustino. *Apresentação*. In: HICK, 2005, p. 9.

<sup>86</sup> TEIXEIRA, in: HICK, 2005, p. 12-13.

teologia cristã”<sup>87</sup>. O viés do desenvolvimento temático desse trabalho é a perspectiva do fenômeno pluralista religioso. No horizonte encontra-se a visão pluralista das religiões. O autor aponta para a necessidade do cristianismo dialogar de forma igual com as outras religiões sem ufanismo<sup>88</sup> e deméritos de outras tradições espirituais. Segundo Hick, uma visão tradicional leva, necessariamente, a superioridade do cristianismo<sup>89</sup>.

A hipótese pluralista defendida pelo autor desenvolve a ideia de que a teologia pluralista das religiões amplia o debate na compreensão de que a ideia de salvação está bem pulverizada nas religiões. O elemento soteriológico<sup>90</sup> não está reduzido apenas na religião cristã. Pois, o desafio da teologia pluralista é ampliar o diálogo entre as religiões, o conceito de salvação que está muito mais além da visão exclusivista e inclusivista cristã.

O modelo pluralista entende que nas mais variadas formas de expressão religiosa se encontram as ideias de bondade, amor, compaixão e que nenhuma religião em particular pode, segundo o autor citado, sobressair-se como uma mais verdadeira que as outras.<sup>91</sup> Na hipótese pluralista, reflete-se a forma como cada religião ensina uma face de Deus entre tantas faces. O mitólogo Joseph Campbell apresenta a perspectiva de que Deus tem muitas máscaras<sup>92</sup> (ou faces) e quantas religiões existem para interpretá-las. Campebell utiliza o conceito de máscara para falar de Deus como um símbolo cultural universal dos seres humanos, a similaridade de símbolos de diversas culturas para se falar desse transcendente. Significa que o cristianismo pode aprender com as outras tradições religiosas, não sendo, portanto, a única verdadeira e superior religião capaz de levar a salvação a toda humanidade. “Para Hick, a mensagem evangélica deve alimentar e aquecer o coração dos cristãos e não ser imposta como norma universal para todos. O momento atual não é o do proselitismo, e, sim, o do diálogo inter-religioso”.<sup>93</sup>

O pluralismo religioso é resultado, portanto, do movimento da contemporaneidade e da globalização do mundo que ascendeu a um tipo de consciência holística. Faz parte do espírito desse tempo um conhecimento de várias tradições espirituais, que convivem, no mesmo espaço geográfico, possibilitando relações de convergências e divergências, sendo um constante desafio para uma convivência de tolerância e de respeito mútuo.

---

<sup>87</sup> HICK, 2005, p. 16.

<sup>88</sup> O adjetivo ufano provém da língua espanhola e significa a vanglória de um grupo, arrogando para si méritos extraordinários.

<sup>89</sup> HICK, 2005, p. 16.

<sup>90</sup> Doutrina relativa à obra de salvação realizada por Jesus Cristo em favor da humanidade. Estudo do mistério da redenção cristã.

<sup>91</sup> HICK, 2005, p. 16.

<sup>92</sup> CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: São Paulo: Palas Athena, 1990. p. 11.

<sup>93</sup> HICK, 2005, p. 19.

No entanto, surge também, como efeito colateral dessa contemporaneidade, o acirramento do fundamentalismo religioso. Em face da mesma situação, o pluralismo consiste no esforço de estabelecer critérios de valor no intuito de estabelecer um consenso de convivência respeitosa entre as diversidades religiosas, sem que afete as suas identidades, as suas características, a sua história. É o ideal do pluralismo a percorrer.

Na diversidade religiosa, a hipótese pluralista é desenvolvida por Hick que defende a ideia de múltiplas encarnações. Assim, como Jesus foi um tipo de encarnação, pode se dizer que Buda, Maomé, Moisés, Zoroastro e outros grandes líderes religiosos, exemplares de bondade e amor, “encarnaram” cada um a sua maneira “o ideal da vida humana”, sendo caminhos abertos por diferentes encarnações, no decorrer da história da humanidade, usando diferentes imagens para pregar e explicar a relação de Deus com a família humana<sup>94</sup>.

A pergunta que se faz, no ponto de vista da teologia pluralista, é se é possível aceitar as múltiplas encarnações de Deus. Doravante a ideia de uma divindade que encarna e se faz ser humano não é mais exclusiva da religião Cristã.

Na mitologia grega, temos muitas instâncias de deuses que descem à terra com forma humana. De igual forma, alguns faraós do antigo Egito, por vezes, diziam serem encarnações dos deuses Rá e Hórus. Em algumas versões do Hinduísmo, também, se acredita que o deus Vishnu teve várias encarnações ainda que as encarnações não sejam todas humanas<sup>95</sup>.

Deus, portanto, não teria uma única forma de se comunicar com a humanidade. Ele não se manifesta somente através de um grupo humano histórico, os cristãos. Ele se comunica de várias formas com as diversas culturas e povos. Deus se manifesta de formas variadas. Ele não tem uma forma padronizada de se revelar. Do ponto de vista pluralista, há múltiplas encarnações de Deus, para diferentes grupos históricos e em tempos distintos.

A perspectiva pluralista, portanto, aponta que toda encarnação tem sua verdadeira revelação para cada cultura e linguagem de cada povo, proporcionando para a pessoa que busca a Deus um encontro genuíno com o Supremo. Dependendo do ponto de vista do buscador, uma religião pode ser melhor que a outra, mas todas são adequadas para dar uma resposta existencial a quem busca<sup>96</sup>.

Na hipótese pluralista, portanto, o próprio relativismo torna-se um critério verificador no sentido de saber que não existe apenas uma religião verdadeira, superior ou melhor. O critério para quem busca é de fórum íntimo. São os pressupostos internos e

---

<sup>94</sup> HICK, 2005, p. 123-124.

<sup>95</sup> HICK, 2005, p. 48.

<sup>96</sup> HICK, 2005, p. 60.

subjetivos que vão determinar o que aquela e não a outra religião proporciona como resposta ao indivíduo que a busca.

Não há verdade objetiva na religião. Cada religião é verdadeira para quem acredita nela. A verdade é uma atribuição que o indivíduo dá à religião que escolhe para seguir. Na hipótese pluralista, é uma nova possibilidade de entendimento que está chegando, em que o critério não consiste na força do dogma, mas no indivíduo que busca uma resposta para as demandas internas. Hick entende que:

O futuro não é a dissolução da diversidade religiosa, que é sempre uma riqueza, mas o exercício da reciprocidade inter-religiosa e seus desdobramentos no sentido da transformação e enriquecimento das tradições que estarão sempre mais ligadas por laços de amizade e fraternidade.<sup>97</sup>

Embora, no presente momento, a religião ocidental representada pelas igrejas cristãs nas suas variadas formas de expressão, sejam elas protestantes, católicas ou ortodoxas suas estruturas não estão exatamente dispostas a acolher as ideias controversas. A aceitação do pluralismo religioso implica a resignificação das ideias de um Deus único. O que vale são os laços de fraternidade e amizade compartilhados nas diversas tradições religiosas. Na atualidade, é preciso repensar os dogmas e a superioridade religiosa de qualquer tradição religiosa.

No ponto de vista antropológico, o ser humano que é fruto de uma cultura, de uma linguagem e de uma cosmovisão de mundo, segue na religião o parâmetro que lhe é conhecido. A religião para se tornar comunicativa necessita fazer parte da realidade de quem a produziu, ou seja, da cultura com seus valores. O discurso não se propõe a negar o elemento transcendente da religião e reduzi-la ao aspecto apenas material. A proposta do discurso não é afirmar e, também, não negar o seu elemento mítico-transcendente, o viés do discurso é a análise do fenômeno religioso.

Nesse aspecto, não se pode negar que a religião passa pelo crivo da cultura, da linguagem, da escrita, das tradições, dos valores, das visões de mundo que cada cultura de um povo produziu. É o arcabouço material constitutivo da formação de uma religião com estrutura de conceitos teológicos, de rituais e símbolos que falam e dão sentido ao indivíduo que reside num determinado contexto.

---

<sup>97</sup> HICK, 2005, p. 20.

## 2.2 A verdade está em cada religião

Seria correto pensar existir um modelo de verdade religiosa a ser seguido? Qual é o método para se saber onde está a verdade de uma religião? É muito utilizado um pressuposto natural de uma sentença postulada como: “se uma religião é verdadeira, necessariamente as outras seriam falsas!”<sup>98</sup> Tem sido o modelo vigente ao princípio da não contradição “uma que afirma algo e outra que o nega”, desde a antiga Grécia. Eu sou eu porque não sou você. E você é porque não é eu<sup>99</sup>. Ou seja, “uma verdade pode ser verdade, não só porque exclui toda outra alternativa, mas também porque a inclui necessariamente.”<sup>100</sup> Será a temática do pluralismo religioso o fato de que uma verdade religiosa não necessariamente anula a outra. A afirmação de uma verdade não quer dizer que a outra seja falsa. O pluralismo não é excludente, num anunciado de uma verdade, o oposto também é uma verdade.<sup>101</sup>

No ponto de vista do pluralismo religioso, todas as religiões são iguais, são equivalentes em termos de valor em suas manifestações ritualísticas, cerimoniais, celebrações e de salvação. Podemos dizer que cada uma delas possui uma verdade que cabe em cada singularidade de cada tradição religiosa. Podemos dizer que:

O islã ensina que o Deus uno e único é unitário, mas revelou a si mesmo de modo direto no Alcorão, intervindo na vida da comunidade muçulmana em Meca e em Medina. O hinduísmo vaishnavita, crê no Vishnu pessoal, que se tornou encarnado em Krishna e num sem-número de outras figuras terrenas, e o hinduísmo saivita, que crê no divino senhor Shiva, cuja dança cósmica é a vida do universo. O hinduísmo advaítico fala da consciência universal de Brahman, diferentemente correntes budistas falam da natureza universal do Buddha, e o taoísmo fala do Tao eterno de cuja natureza não se pode falar em termos humanos<sup>102</sup>.

Assim, a verdade está distribuída nas religiões. Se a verdade tem muitas faces, imagine quanto existe de variedade e diversidade religiosa! As religiões são as muitas faces de Deus que se apresentam ao homem:

E no Bhagavad Gita, o Senhor Krishna diz: ‘qualquer que seja o modo no qual os homens se aproximam de mim, é nesse mesmo modo que os aceito’. Desde sua juventude, Gandhi também foi influenciado pelo ensinamento jainista, que fala da verdade que tem muitas faces.<sup>103</sup>

<sup>98</sup> VIGIL, 2006, p. 250.

<sup>99</sup> VIGIL, 2006, p. 251.

<sup>100</sup> VIGIL, 2006, p. 252.

<sup>101</sup> VIGIL, 2006, p. 389.

<sup>102</sup> HICK, 2005, p. 48.

<sup>103</sup> HICK, 2005, p. 61.

Sabe-se que há muitas concepções diferentes do sentido último.<sup>104</sup> Cada religião chama para si a verdade cabível para representar a transcendência. Tudo indica para quem vê de fora, que toda religião tem seu pingote de verdade. E, para quem vê de dentro, a sua religião está com a verdade ou uma posição menos arrogante. Ainda pode ser a religião bem mais elaborada, de forma a dar uma resposta à questão da transcendência.

A construção do exclusivismo cristão remonta os primeiros séculos do cristianismo, refletido por vários Padres da Igreja, que ensinavam: fora da igreja não há salvação. Desde o Concílio de Florença, em 1442, o pronunciamento do concílio é que a vida eterna está condicionada a filiação à Igreja Católica.<sup>105</sup> E diz mais, que nem Judeus nem heréticos ou cismáticos são partícipes da vida eterna, pois, todos estão condenados ao fogo eterno.<sup>106</sup> A postura do absolutismo dogmático rechaça qualquer outra manifestação de crença, sendo, então, uma forma de estabelecer uma barreira em relação a outras formas de crença. De acordo com Gottfried Brakemeier: “Essa convicção separou não somente cristãos e não-cristãos. Dificultou também o ecumenismo das Igrejas cristãs até meados do século XX.”<sup>107</sup>

A posição da igreja Católica foi revisada pelo Vaticano II para “promover a restauração da unidade entre todos os cristãos”. Nesse sentido:

A Igreja Católica corrigiu sua atitude intransigente na declaração ‘Nostra Aetate’, insiste num relacionamento respeitoso entre cristãos e não cristãos, atestando às religiões que ‘não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens’<sup>108</sup>.

O ponto de vista do texto do Vaticano II da igreja católica apresenta como desafio o diálogo inter-religioso de acordo com a proposta do pluralismo. Mas, a situação está bem longe de ser bem resolvida. O diálogo almejado é que cada um se desarme de seus pressupostos absolutos e que se coloque em constante processo de diálogo nas questões dogmáticas.

As barreiras denominacionais e religiosas precisam ser vencidas. Como aqueles que não são cristãos entrarão na bem-aventurança, se não são cristãos? Boa parte do mundo não é cristão e as missões cristãs não alcançaram a todos ou Deus mesmo que teria privilegiado uma

<sup>104</sup> HICK, 2005, p. 48.

<sup>105</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade? *Estudos Teológicos*, ano 42, n. 2, p. 24, 2002. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/620/0](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/620/0)>. Acesso em: 11 jan. 2017.

<sup>106</sup> CISMA. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/cisma>>. Acesso em: 12 jan. 2017. Ato pelo qual os sectários de uma religião cessam de reconhecer a autoridade do seu chefe espiritual.

<sup>107</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 24.

<sup>108</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 25.

parte da humanidade em detrimento da outra? Essas questões não estão bem resolvidas, para que o diálogo se estabeleça de fato. Ou as outras tradições estão equivocadas ou, realmente, o cristianismo está na posse da verdade? Esse, ainda, é o grande desafio do pluralismo em relação ao cristianismo. Uma das barreiras a serem vencidas, ainda, é o eclesiocentrismo e o cristocentrismo. Tema que é exaustivamente trabalhado por Hick, no sentido de superar a centralidade da salvação do cristianismo histórico<sup>109</sup>. O pluralismo, portanto, surge como a superação de verdades particulares. Neste sentido, surgirão pensadores que elaboraram uma forma de reflexão que possibilitará transcender o particularismo cristão, engajando toda forma de discurso da teologia cristã a um patamar de linguagem de possível diálogo com a filosofia, a sociologia e a psicologia. O teólogo que vai fazer esta articulação do pensamento cristão nas categorias do pensamento filosófico existencial foi Paul Tillich, no século XX, conhecido como teólogo da cultura, teólogo do pluralismo religioso, ele acredita que a verdade salvadora não fica restrita às fronteiras das igrejas ele fala da “transeclesiástica”<sup>110</sup>. Isto significa que a verdade salvadora não fica restrita ao âmbito cristão<sup>111</sup>. Segundo Frederick J. Parrella:

[...] Tillich acreditava que a forma da fé nas igrejas contemporâneas tinha que ser rejeitada pela sociedade por estar morta e irrelevante. Por isso Tillich reprovava as igrejas que se mostravam isoladas da sociedade, da cultura e do mundo. Preocupava-se, acima de tudo, com o afastamento dos intelectuais porque ‘o dogma defendido pela igreja nada tinha para lhes dizer’. Acreditava que os símbolos cristãos, ao mesmo tempo culturais e teológicos, não mais transmitiam o poder das palavras da salvação. Instava a igreja a ‘proclamar o evangelho em linguagem compreensível ao humanismo não eclesiástico’.<sup>112</sup>

Na perspectiva do teólogo Paul Tillich, a interpretação que se tem é que as religiões não cristãs não foram excluídas da história da salvação. Portanto, a reflexão teológica sobre a fé cristã pode ser enriquecida pela história das religiões. A religião se expressa sempre através de linguagens culturais específicas. Paul Tillich fala que o elemento sacro que está presente em todas as religiões é gerado na experiência de revelação: “Toda experiência revelatória transforma o meio de revelação em um objeto sacramental, seja ele um objeto da natureza, um

<sup>109</sup> Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. *O Diálogo das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 51; 55; 68.

<sup>110</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1984. p. 671s.

<sup>111</sup> PARRELLA, Frederick J. Vida e Espiritualidade no pensamento de Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio* n. 6, p. 58, p. 58, novembro de 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1764/1750>>. Acesso em 20 mar. 2017. “A teologia e a espiritualidade de Tillich nunca foram eclesiocêntricas. Na verdade, ele não se sentia muito bem nas igrejas. Vivia na fronteira entre a igreja e o mundo. Embora fosse membro da igreja e assim se reconhecesse, e tivesse sido ordenado pastor protestante, falava tanto para os que estavam na igreja como para os que estavam fora dela. Era, em geral, melhor recebido pelos que não frequentavam igrejas. Sua teologia concentrava-se na reinterpretção da mensagem cristã para os que não percebiam o poder dos símbolos cristãos e viviam alienados das comunidades cristãs tradicionais”.

<sup>112</sup> PARRELLA, 2004, p. 59.

ser humano, um evento histórico ou um texto sagrado.”<sup>113</sup> Para Tillich a religião é o estado de estar tomado por uma preocupação suprema que se dá num nível ontológico e existencial.<sup>114</sup>

Tillich é considerado um dos precursores do pensamento pluralista. Ele já combatia a opinião exclusivista cristã. Em sua opinião, a partir do momento que um grupo religioso se apodera da verdade, o conflito é gerado. Gera um bairrismo no qual se absolutiza. Tillich discute algo que pode contribuir com a reflexão teológica a partir do encontro das religiões. Inicialmente ele afirma que “se um grupo está convencido de possuir uma verdade, nega implicitamente aquelas pretensões de verdade que entram em conflito com a sua”.<sup>115</sup> Essa afirmação num primeiro momento parece perigosa, pois pode se tratar da possibilidade de absolutização dos postulados de um grupo religioso e deslegitimação dos postulados das outras religiões.<sup>116</sup>

Todo absolutismo não permite o diálogo. Quando não há compartilhamento, gera-se separação, sectarismo e individualismo. No absolutismo não há comunhão. Portanto, não é a via ideal na opinião do autor. Tillich, com sua reflexão pluralista da religião, entende que o símbolo mais caro do cristianismo é a pessoa do Jesus histórico, conhecido como Cristo, eleito pela igreja. Ele faz uma releitura dos símbolos cristãos, dando um novo significado, mais universal e mais abrangente no sentido de colocar a figura de Cristo não mais como símbolo, exclusivamente, do Cristianismo, mas que representa uma figura mítica que se transforma num símbolo de salvação para todas as religiões, sem que, necessariamente, se deva cristianizá-las.<sup>117</sup>

Tillich toma emprestado o símbolo cristão para interpretar uma salvação universal, para dizer que Jesus indica o caminho salvífico dentro do cristianismo. Cristo, portanto, adquire um sentido simbólico universal. Ou seja, se Jesus é o meio para se tocar naquilo que é incondicionado (a experiência fenomênica de Deus), significa que, em qualquer outra cultura, há uma forma análoga a Cristo pelo qual também se possa acessar o incondicional.<sup>118</sup>

Toda cultura tem o meio concreto finito para acessar o infinito. É a forma como Cristo é entendido em outras culturas. O que Tillich afirma é a experiência do condicionado

---

<sup>113</sup> TILLICH, 2011, p. 150.

<sup>114</sup> BALEEIRO, Cleber A. S. Tillich e a Teologia do Pluralismo Religioso. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 13, n. 26, p. 10, Dezembro de 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas/index.php/COR/article/.../4580>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

<sup>115</sup> TILLICH, 1976, p. 177.

<sup>116</sup> BALEEIRO, 2014, p. 11.

<sup>117</sup> BALEEIRO, 2014, p. 13.

<sup>118</sup> BALEEIRO, 2014, p. 13.



que toca no incondicionado, do particular para o universal por meio das coisas condicionadas (símbolos sacros).<sup>119</sup>

Nosso critério, como cristãos, se encontra no acontecimento da cruz. Aquilo que ali se produziu de maneira simbólica, que outorga o critério, também ocorre, de modo fragmentário, em outros lugares, em outros momentos, e tem acontecido e acontecerá mesmo quando estes não estão conectados histórica ou empiricamente com a cruz.<sup>120</sup>

O pluralismo procura uma verdade unificadora a todas as tradições religiosas, alegando que existe um “sentido último” que, talvez, possa ser chamado de Deus, Allah, Javé, Brahma, não importa. Dessa forma, o sentido torna o fundamento de tudo, destacando que várias tradições religiosas estão de alguma maneira alinhadas, soteriologicamente, com o fundamento ou realidade última.<sup>121</sup> Portanto, as mais variadas formas de expressão religiosa do ponto vista humano, são nada mais que diferentes formas de perceber o fundamento do sentido último. O sentido não se pode descrevê-lo em si mesmo, mas se pode codificar em formas de símbolos, rituais. e ser pensado ou experimentado no sentido fenomenológico. Não podemos reduzir a experiência fenomenológica do sentido, apenas, como uma experiência puramente de uma projeção humana. Mas, sem dúvida, há uma maneira de perceber o imponderável ou o que chamamos de “sentido” experimentado de várias maneiras por meio das lentes das diferentes religiões.<sup>122</sup>

Hick e Tillich são teólogos e afirmam o paradigma pluralista. Eles interpretam o que se chama de sentido último como “Realidade última”.<sup>123</sup> É o conceito que trabalha a percepção daquilo que se chama de transcendente. Para Hick, o transcendente se torna perceptível a partir dos conceitos que atribuímos a ele. A palavra “transcendente” é o termo usado para substituir a palavra Deus, cujo termo se reduz para se falar somente do Deus

<sup>119</sup> BALEEIRO, 2014, p .8-14.

<sup>120</sup> TILLICH, 1976, p. 110.

<sup>121</sup> BARRA, Suely Ribeiro. *Hipótese pluralista de John Hick para o diálogo inter-religioso*. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. Juiz de Fora: Universidade Federal, 2014. p. 119. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/485/1/suelyribeirobarra.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

<sup>122</sup> HICK, 2005, p. 52-53.

<sup>123</sup> BARRA, 2014, p. 201-202. De acordo com a autora. “Muitos estudos sobre as religiões e vivências de situações plurais o levaram a formular esta teoria na qual existe uma Realidade Última a quem ele denomina de Real. Nomes como Realidade Última, o Último, o transcendente aparecem, pois, por ser ilimitada não se tem na linguagem humana um termo que, adequadamente a denomine além do fato de que sendo as culturas tão variadas e considerando serem as religiões produtos culturais é racional que cada cultura tenha a sua forma particular de designá-la”.

monoteísta, enquanto a palavra transcendente é um termo pluralista cósmico que abarca todas as divindades de qualquer tradição espiritual.<sup>124</sup>

O autor, na sua visão pluralista, trabalha com duas categorias conceituais religiosas a respeito da divindade: o real como pessoal e o absoluto como real não pessoal.<sup>125</sup> Um traço da reflexão do pluralismo é que não significa homogeneização das tradições religiosas. “Cada tradição irá continuar a existir em sua particularidade concreta enquanto sua própria resposta única ao Real”.<sup>126</sup> No pluralismo, não se propõe uma unificação das religiões, muito menos uma sincretização delas, não sendo, então, uma reflexão pluralista. O professor Faustino Teixeira, citando o teólogo, afirma: “Não é colocando a fé singular em suspenso que se consegue chegar de forma mais profunda ao universo do outro.”<sup>127</sup> O pluralismo valoriza a singularidade de cada tradição religiosa. Não existe uma verdade única, mas as verdades se manifestam de formas diferentes e podem complementar uma a outra.

Qual a religião que está com a verdade? Cada praticante de uma religião vai achar que o livro sagrado de sua religião é a única fonte verdadeira e foi dada como inspirado por Deus. Alguém que pratica o Judaísmo pode dizer que não há verdade fora da Torah, porque Moisés recebeu de Deus no monte a leis sagradas. Mas pode um bom muçulmano também reivindicar que fora do Alcorão não há verdade revelada por Alá, mas pode dizer que única religião que prega o amor e a salvação eterna é o cristianismo e um cristão pode pensar que fora da Bíblia não há garantia de salvação.

Na tradição do povo do oriente diz-se que só o ensinamento de Buda pode levar ao caminho da perfeição e os outros caminhos não levam ao autoconhecimento. O hinduísta também pode acreditar que sua religião é verdadeira, porque o livro dos vedas é o mais antigo de todas as religiões, e que o destino das almas é a reencarnação da roda de sansara como uma verdade incontestável. E outras tantas religiões de menor expressão pensam que estão com a verdade salvadora.

Mediante tal fato é certo pensar que todas estão com a verdade! O modelo pluralista vai dizer que todas essas tradições estão com a verdade. E o modelo pluralista é o mais adequado para uma sala de ensino religioso, pois vai trabalhar com a ideia de que a religião verdadeira é aquela mais apropriada e confortável para determinada pessoa, que não existe uma religião melhor que a outra, nem uma errada e outra certa.

---

<sup>124</sup> BARRA, 2014, p. 229. “Transcendente é a ponte ligando o humano ao divino, é a que se coloca como mediadora entre as instâncias natural e sobrenatural e a que fornece a resposta para as interpelações existenciais dos seres humanos”.

<sup>125</sup> HICK, 2005, p. 54-55.

<sup>126</sup> HICK, 2005, p. 55.

<sup>127</sup> TEXEIRA, 2010, p. 74.

É importante ressaltar que quem conduz a aula de ensino religioso nunca poderá violentar a verdade do outro, nem permitir que entre os alunos haja esse tipo de comportamento. É o que se espera, uma vez constatada que a verdade no sentido pluralista é polimórfica, tanto pode ser para um e de modo diferente para o outro; ela pode ter faces diferentes - vai depender do contexto cultural onde o indivíduo se encontra, de como ele mesmo vê e interpreta a vida. O ensino religioso vai captar esta visão pluralista, apregoando que cada aluno pode e deve ter suas convicções, sem estabelecer uma verdade única, e compreender que a própria diversidade é a verdade almejada.

### **2.3 A verdade, no pluralismo religioso, aponta para o diálogo inter-religioso**

Com o mundo globalizado e com o intenso fluxo migratório do campo para cidade, o processo de secularização da cidade possibilitou o surgimento de uma nova consciência global. As novas mídias proporcionaram uma explosão de informações, prontamente disponíveis, a respeito das religiões do mundo. As diferentes religiões apresentam novos aspectos de verdade como forma de diferentes respostas dadas às últimas questões.

A sociedade ocidental capitalista exaltou o valor do indivíduo autônomo como realidade suprema, acostumado à rica variedade oferecida nas prateleiras de supermercado, e à liberdade de escolher as marcas preferidas. Essa ideia vem também analogamente, permear no campo da religião. As igrejas se instalaram em locais mais amplos e bem localizados e chamam a atenção por seus cultos espetacularizados e coreografias mais atrativas. As confrarias místicas e espiritualistas, com a liberdade de culto, ficaram mais visíveis, como as maçonarias, templos Rosa Cruz, kardecistas e os terreiros afro-brasileiros. A convivência das religiões, no mesmo espaço geográfico, consiste no campo de análise fenomenológica do pluralismo religioso, isto é, compreender como se dá a convivência das religiões, no mesmo espaço físico, seja no mesmo país, cidade, bairro ou rua em que se encontram várias denominações cristãs ou não. Há uma grande variedade religiosa, com diferentes tendências, inclusive entre os grupos cristãos.

Ainda se pode encontrar, nestes tempos modernos, infelizmente, bairros de gueto árabe em que não podem andar judeus, e, da mesma forma, existem bairros de judeus onde árabes não podem passar. Na Irlanda, ainda existem bairros católicos em que não podem andar os protestantes e vice-versa. Um dos desafios do pluralismo religioso é entender, interpretar os fenômenos, abrir alternativas de tolerância e da aprendizagem da convivência e respeito mútuo. No pluralismo, não há uma religião superior às demais. Na visão pluralista, as

religiões, ao seu modo, buscam uma forma de salvação. Mas, no pluralismo, nenhuma religião poderia atribuir a ela o discurso absolutista sobre a salvação, ou mesmo o monopólio. No pluralismo, cada religião tem legitimidade, ao seu modo de propor os meios de salvação, para quem busca de maneira devotada. O pluralismo nega a exclusividade de qualquer religião que tenha pretensões de ser a única, a qual Deus transmitiu a sua mensagem salvadora<sup>128</sup>.

Havia entre Portugal e Espanha, na Idade Média, um Tratado chamado de Tordesilhas que visava à separação de terras entre Portugal e Espanha, entre o hemisfério Sul e o Norte. Outras potências marítimas europeias (França, Inglaterra, Países Baixos), no entanto, passaram a questionar a exclusividade da partilha do mundo entre as nações ibéricas. O questionamento foi, apropriadamente, expresso por Francisco I, de França, que, ironicamente, pediu que visse a cláusula no testamento de Adão, que legitimava a divisão de terras. Ou seja, queria saber se Deus tinha dado uma procuração das terras para que pudessem ter posse delas. Analogamente, em questão religiosa, pode-se pensar que Deus deu exclusividade ou procuração a alguma religião, em específico, com seu aspecto salvador. Na visão do pluralismo religioso, nenhuma religião possui monopólio de salvação.

A teologia pluralista coloca todas as religiões em pé de igualdade. Nega absolutismos e introduz “relatividade” no discurso religioso. Os pluralistas substituem o cristocentrismo pelo teocentrismo. A centralidade de Deus nivela as religiões. O pluralismo nega a exclusividade de qualquer religião. A confissão do credo cristão, que coloca a pessoa de Jesus como sendo o único e exclusivo salvador, só tem significado para os cristãos; mas, não se pode querer que ele seja senhor e salvador para as demais tradições religiosas.<sup>129</sup>

O pluralismo não nega a figura histórica salvadora de Jesus Cristo para a cristandade, mas a sua exclusividade. O pluralismo entende que a fé, na figura de Jesus histórico, tem sido a causa de divisão das religiões. Por outro lado, entende que o que “une as religiões” é a fé em Deus como denominador comum que vai articular a unidade na diferença.<sup>130</sup>

O modelo pluralista religioso é saída alternativa dos conflitos religiosos. Esses conflitos existem e por vezes dificultam o diálogo entre as religiões. O desafio do pluralismo religioso é justamente promover a unidade das religiões, sem violentar a especificidade de cada tradição religiosa.

---

<sup>128</sup> CAMPOS, Heber Carlos. O Pluralismo do Pós-Modernismo. *Fides Reformata* 2/1, p. 8, 1997. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_II\\_1997\\_\\_1/o\\_pluralismo..pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II_1997__1/o_pluralismo..pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2017.

<sup>129</sup> CAMPOS, 1997, p. 9.

<sup>130</sup> PANASIEWICZ, 1999. p. 45.

O pluralismo vai funcionar como uma espécie de balizador das religiões para questionar o exclusivismo das religiões. O modelo pluralista vai se tornar um instrumento teórico que vai promover a indagação no sentido de se descobrir se existe um só tipo de salvação que serve para toda e qualquer religião. Ou se existem vários tipos de salvação, variando cada uma de acordo com sua cultura. Dependendo da resposta que se dá, poderá entender, então, se poderá haver consenso ou não, convivência ou não, tolerância ou não. Independente de tais respostas, o pluralismo vai propor um discurso do “diálogo inter-religioso” cujo ideal para cada religião é: cada uma tem a sua própria salvação de acordo com sua cosmovisão, e que cada uma possui a sua própria singularidade de salvação.<sup>131</sup>

Um dos itens que entra em pauta de discussão, no pluralismo, religioso é o “discurso inter-religioso” que garimpa quais os elementos antropológicos e culturais essenciais de uma determinada tradição religiosa, a fim de promover a comunicação intercultural e transcender o particularismo local. A intercomunicação cultural não significa, necessariamente, uma uniformização de pensamento, mas o desafio de conviver com o diferente. Pois, o diálogo inter-religioso não tem como finalidade homogeneizar as religiões ou transformar todas em uma. Tal raciocínio seria algo bem infantil ou uma utopia descabida. A perspectiva pluralista, dentro de um discurso inter-religioso, motiva a aprendizagem transcultural e transreligiosa para uma cultura de paz.<sup>132</sup>

O diálogo inter-religioso, na visão pluralista, é um discurso no sentido de aproximar as religiões, não de torná-las parecidas. Mas, que haja nas tradições religiosas o compromisso com a tolerância e suas diferenças. A convivência pacífica e a tolerância entre as religiões perpassam por um processo de uma teologia inter-religiosa, sendo capaz de conceber uma ideia de Deus, que se funde numa unidade, nas diferenças. O exemplo “foi Kabir”<sup>133</sup> do século XV, igualmente reverenciado por muçulmanos e hindus. Ele ensinou que “Deus está além de toda forma, mas que o Deus sem forma adota mil formas aos olhos de suas criaturas”.<sup>134</sup>

<sup>131</sup> HICK, 2005, p. 48-70.

<sup>132</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco. Diálogo inter-religioso por uma cultura de paz. *Teocomunicação*, v. 42, n. 2, p. 367, jul./dez. 201. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/12310/8253>>. Acesso em: 31 abr. 2017.

<sup>133</sup> KABIR Cem Poemas. Selecionados por Rabindranath Tagore. Versão, ensaio e notas – José Tadeu Arantes. ed. e rev. técnica Sergio Rizek. São Paulo: Attar, 2013. “Kabir (ou Kabira) (hindi: कबीर, urdu: کبیر) (1440—1518) foi um dos grandes poetas místicos ou santos-poetas da Índia medieval, tendo composto poemas que evidenciam a fusão entre o movimento de bhakti hindu e o sufismo muçulmano, movimentos religiosos que exercem profunda influência cultural em todo o mundo até os nossos dias. Kabir nasceu numa família de brâmanes hindus e foi mais tarde adotado por muçulmanos, no norte da Índia, perto de Varanasi. Ainda jovem tornou-se discípulo Ramananda, que no norte da Índia difundia a doutrina de bhakti como promulgada por Ramanuja no sul do subcontinente, no século XII”.

<sup>134</sup> HICK, 2005, p. 62.

Na visão de Hick<sup>135</sup>, o capitalismo mundial foi um dos fatores externos que contribuíram com a globalização do mundo. No ponto de vista econômico, o mundo se tornou uma aldeia global. A situação política e econômica, por tabela, afetou também todas áreas da vida, fazendo com que o mundo encarasse um novo paradigma da transculturalidade<sup>136</sup> e da interculturalidade.<sup>137</sup> Era notório, no mundo antigo, quando um povo travava uma relação comercial com outros povos, estabelecer outras formas de relação, transportando entre si valores culturais, formas alimentares, comportamento e religião. Analogamente, o “pluralismo religioso” e o “diálogo inter-religioso” são frutos consequentes da economia globalizada. Com a globalização político-econômica, houve a aproximação dos povos, repercutindo em transação material, cultural e religiosa.

A visão pluralista da religião defende a ideia de que cada religião possui a sua noção de verdade. Que a noção de verdade é relativa e só é válida para a tradição religiosa que a professa. Cada tradição religiosa proporciona um encontro genuíno com o transcendente e que todas as tradições são legitimadas, com base nessa relação. No modelo pluralista, as religiões têm seu tipo de verdade, conforme suas tradições. Cada religião possui um discurso próprio de verdade. Não há um tipo de verdade que possa ser universal, mas um tipo de verdade que cabe a ela segundo os padrões de sua cultura.

Nenhuma tradição religiosa pode considerar a si mesma como detentora de uma verdade absoluta e, conseqüentemente, ser superior às demais. Assim, no pluralismo religioso cada religião deixa de ser a única verdadeira e passa a ser como as demais, tendo sua parcela de verdade igual as outras. O modelo pluralista define que as religiões estão em pé de igualdade. Nega absolutismos e introduz “relatividade” no discurso religioso.<sup>138</sup>

O fim da metafísica, anunciado por Nietzsche<sup>139</sup> e depois por Heidegger<sup>140</sup>, traz à tona, que os conceitos de “verdades” elaborados pela metafísica tradicional, na modernidade,

<sup>135</sup> HICK, 2005, p. 66.

<sup>136</sup> NOVO dicionário Aurélio da Língua portuguesa. 3. ed. rev. atual, Curitiba: Positivo, 2004. p. 1976. Transculturalidade: “Processo de transformação cultural caracterizado pela influência de elementos de outra cultura, com a perda ou alteração dos já existentes”.

<sup>137</sup> INTERCULTURALIDADE. Disponível em: <<http://conceito.de/interculturalidade#ixzz4VvyLDvU0>>. Acesso em: 30 abr. 2017. “A interculturalidade tem lugar quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica. Para tal, nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro que seja, favorecendo assim a integração e a convivência das pessoas. Este tipo de relações interculturais implica ter respeito pela diversidade; embora, por razões óbvias, o aparecimento de conflitos seja inevitável e imprevisível, podem ser resolvidos através do respeito, do diálogo”.

<sup>138</sup> BRAKEMEIER, 2002. p. 27.

<sup>139</sup> JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.195. Friedrich Wilhelm Nietzsche. (1844 -1900) Filósofo alemão (nascido na Prússia), Nietzsche é um dos pensadores mais originais do séc.XIX e um dos pensadores mais originais do séc. XIX e um dos que mais influenciou o pensamento contemporâneo, sobretudo na Alemanha e na França. Estudou nas Universidades de Bonn e Leipzig, tornando-se em 1868 professor de filosofia grega na Universidade de Basileia (Suíça). 1879,

estão destruídos. Agora, não há mais verdades estabelecidas, só interpretações.<sup>141</sup> O modelo da verdade ocidental grega aristotélico entrou em colapso, não há mais absolutos e as verdades ficaram relativas ao indivíduo (existencialismo), a verdade deixou de ser uniformizadora e homogênea para ser situacional. “Uma verdade profunda se expressa num enunciado cujo oposto também é uma verdade”.<sup>142</sup> A verdade é como caleidoscópio que tem muitos ângulos para se ver a realidade. Para a modernidade, a religião, no atual momento, encontra-se no novo paradigma da verdade (situacional e dialética), o que pode ser verdade para um ponto de vista e não para o outro. Pode ser válido aqui e não lá (espacial), pode ter sido antes, mas, não agora (temporal).<sup>143</sup>

O filósofo Gianni Vattimo<sup>144</sup> (que fez uma interpretação dos filósofos Nietzsche e Heidegger) entendeu que as pretensões de verdade absolutas devem ser enfraquecidas, e que se deve evidenciar, no atual momento civilizatório, a busca da tolerância e da pluralidade. Ele disse que se deve superar a idolatria da “adoração da verdade como nosso Deus”.<sup>145</sup> Ele apresentou o paradigma do pensamento relativista que respalda o pensamento pluralista religioso. A ênfase dada, no atual momento da contemporaneidade, é o estado da “provisoriamente”, ou seja, o que pode ser verdade hoje, pode acontecer que amanhã não seja a mesma verdade dita hoje. O fenômeno que o filósofo Vattimo detectou, na pós-modernidade, é que a religião não foi atingida, inteiramente, com seus pressupostos absolutos, pelo relativismo interpretativo da “verdade”.<sup>146</sup>

sentindo-se doente abandonou a vida acadêmica empreendendo uma série de viagens pela Suíça. Sofre uma crise de loucura da qual não se recuperou a vida.

<sup>140</sup> JAPIASSÚ, MARCONDES, 1996, p. 123. Martin Heidegger (1889 —1976) foi um filósofo alemão. É um dos pensadores fundamentais do século XX - ao lado de Russell, Wittgenstein, Adorno, Popper e Foucault - quer pela re colocação do problema do ser e pela refundação da Ontologia, quer pela importância que atribui ao conhecimento da tradição filosófica e cultural. Influenciou muitos outros filósofos. Inicialmente quis ser padre e chegou mesmo a estudar teologia na Universidade de Freiburg. Depois, estudou filosofia na mesma Universidade, com Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia. Relevância no pensamento de Heidegger, já que o seu trabalho, com os interesses metafísicos e teológicos que dominam, é mais teórico do que histórico.

<sup>141</sup> PONTIN, Fabricio. *Não existem fatos, apenas interpretações*. Disponível em: <<https://dystopia.wordpress.com/2009/05/27/nao-existem-fatos- apenas-interpretacoes/>>. Acesso em: 30 abr. 2017. [...] “por uma questão estratégica, parece que Nietzsche sugere ao colocar a prevalência interpretativa no processo de estabelecimento de “verdades” uma sugestão de hermenêutica radical – todo o fato, toda a realidade, é dotada de uma relevância interpretativa – é um ato de vontade-de-verdade que constitui a realidade de uma determinada proposição.”

<sup>142</sup> VIGIL, 2006, p. 388

<sup>143</sup> VIGIL, 2006, p. 389

<sup>144</sup> VATTIMO, Gianni. *Depois da Cristandade por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, Rio de Janeiro, 2004. “Gianterio (Gianni) Vattimo (Turim, 4 de janeiro de 1936) é um filósofo e político italiano, um dos expoentes do pós-modernismo europeu”.

<sup>145</sup> JUNGES, Márcia. Vattimo e a necessidade de nos libertarmos da verdade como “última idolatria”. Trad. Luís Marcos Sander. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, nº 428, ano XIII, 2013. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5194&secao=428](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5194&secao=428)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

<sup>146</sup> JUNGES, 2013, n.p.

O que o filósofo Vattimo expõe, em última análise, é que qualquer “ênfase na verdade fixa, estável e objetiva é opressiva e restritiva, e, portanto, inimiga da liberdade humana e todas as estruturas não fixas e verdades não objetivas — são emancipação”.<sup>147</sup> Toda reflexão de Vattimo é para entender a finalidade última da religião: a sua emancipação de qualquer tutela de verdade que não possa ser revisada.

Não dá para entender todos que evocam seu pressuposto de verdade e estão corretos em suas premissas. Não se podem absolutizar as afirmações. O mais presumível é que as verdades defendidas pelas tradições religiosas estejam no mesmo contexto de variedades de pressuposições, entre tantas outras, e, não, como o único arauto de uma verdade que se sobrepõe às demais. O pensador e filósofo Vattimo alega que o perigo do discurso da “verdade única” desemboca uma espécie de totalitarismo do “discurso da verdade”, que beira à arrogância a uma postura que demonstra a ausência de caridade e solidariedade entre as pessoas.<sup>148</sup> Elas poderiam compartilhar suas verdades e, assim, assumir uma cooperação, através do diálogo para o bem comum. É claro que visão de mundo da cooperação é o ideal que deveria ser a marca da civilização.

O autor citado destaca que, na contemporaneidade, os indivíduos, dentro de um ponto, não podem ficar demarcando território de “identidades” e “verdades”, que fundamentam a agressividade em direção ao outro. O novo horizonte que se descortina é a busca de uma conscientização de que a paixão pela verdade não produza intolerância, e, sim, onde reine um profundo respeito pela dignidade e pela liberdade humana.<sup>149</sup>

Na interpretação do pensador e filósofo Vattimo, na atual conjuntura da modernidade e no alcance da maturidade do pensamento filosófico ocidental, ele diz que a maneira de ver o mundo não é a mesma, depois de Heidegger e Nietzsche, que, a reboque da hermenêutica dos pensadores, a fé religiosa não pode retroceder. “Esses dois filósofos nos mostraram que a *verdade* está profundamente emaranhada dentro da história. Portanto, a verdade não pode ser entendida como sólida e imutável”.<sup>150</sup>

A verdade nada mais é que um produto de uma temporalidade relativa àquelas consciências que interpretaram o mundo naquele instante. No ponto de vista da filosofia da religião, a verdade é de caráter provisório e contingente e, assim, a religião não pode mais ter a insistência de “certezas” e de caráter definitivo. É uma bandeira pluralista que trata a ideia da verdade como um elemento fragmentário e fracionado, em cada tradição religiosa. Ou seja,

---

<sup>147</sup> JUNGES, 2013, n.p.

<sup>148</sup> JUNGES, 2013, n.p.

<sup>149</sup> JUNGES, 2013, n.p.

<sup>150</sup> JUNGES, 2013, n.p.



cada tradição religiosa traz, em seu bojo, elementos de “convicção de verdade” que só pertencem a ela mesma, e é verdadeira na sua forma de ver o mundo e na maneira como interpreta a realidade.

Na visão da modernidade, o pluralismo religioso é uma forma de interpretação do mundo. Na atual conjuntura, a posição da religião não tem menos valor do que a interpretação do mundo feita pela ciência. Tanto a ciência quanto a religião são duas maneiras de compreender a vida e a produção de sentido. Historicamente, podemos observar que a ciência, gradualmente, alcançou a independência da influência clerical. A religião, nos tempos modernos, tem ajuda do método da ciência para fazer ciência da religião. A ciência da religião é fruto do engajamento do movimento do pluralismo religioso que coloca as religiões em patamar de igual importância e valor.

Na visão do teólogo John Hick, a religião não fica depreciada ou perde valor porque suas “verdades” ficam reduzidas aos aspectos míticos, metafóricos ou simbólicos. A grandeza da religião não está na afirmação de sua verdade de se fazer valer no campo científico secular, mas na capacidade de fazer a articulação do pensamento mítico e causar nas pessoas uma forma de orientação de sentido para a vida “o que evoca em nós uma confiança pode permear nossas vidas e nos libertar para amar nosso próximo”.<sup>151</sup> Muitas vezes, é pela força do mito que uma pessoa é impactada e ganha uma nova visão de mundo que lhe permite estabelecer uma relação de significado com seu próximo.

Aplicando o ensino religioso, dentro da ótica do pluralismo religioso, cabe ao/a professor dar ciência aos seus alunos e alunas de todas as tradições religiosas, mostrando sua heterogeneidade, tendo a sensibilidade de observar as várias tradições religiosas representadas na sala de aula. É bom que o/a professor/a possa trabalhar valores do pluralismo religioso no sentido de implementar uma consciência plural, mostrar o direito de liberdade e expressão religiosa para os/as alunos/as, que o respeito à diversidade torna o princípio da boa convivência salutar.

---

<sup>151</sup> HICK, 2005, p. 80.

### 3 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O diálogo inter-religioso consiste num componente fundamental na busca de compreensão da identidade, da cultura e da religião de um povo. Ele pressupõe a existência de uma rica diversidade religiosa com seus valores e identidade cultural. Logo, as pessoas têm uma profunda pertença religiosa, a partir da própria cosmovisão de onde falam.

O diálogo inter-religioso torna-se uma necessidade de amenização das diferenças religiosas que continuam, por demasiadas vezes, ser fonte de tensão, conflito e discriminação. A impossibilidade do diálogo inter-religioso pode incorrer no risco de ficar na ignorância, no receio do desconhecido e de permanecer no fundamentalismo; uma visão equivocada (seja de uma outra cultura religiosa), afasta a possibilidade de aprendizado com outras tradições religiosas.

Vivemos o tempo de mudança e, também, de esperança, pois, a nova perspectiva do diálogo inter-religioso, no contexto pluralista, não significa diluição ou negação dos nossos valores. Por causa do pluralismo da sociedade e da diversidade religiosa, há a possibilidade de acréscimo de um dado novo na vida de nossa sociedade, fazendo com que se abram novos horizontes de uma aprendizagem e de uma melhor convivência entre as tradições religiosas.<sup>152</sup>

Desde a globalização do mundo, o diálogo inter-religioso acompanha o processo em que a humanidade partilha o reconhecimento e a valorização progressiva dos direitos humanos universais à vida, à cultura e à pertença religiosa. A discussão sobre o diálogo inter-religioso tem provocado uma consciência plural e o respeito mútuo como valor. Há a proposta de que existe uma interação entre os povos no sentido de se aprender a conviver com a diversidade de suas culturas. Dessa forma, vemos agora, como nunca foi visto antes, de forma tão pertinente, falar e refletir sobre o diálogo intercultural, diálogo inter-religioso e pluralismo religioso.<sup>153</sup>

No diálogo inter-religioso, Paul Knitter, um dos mais proeminentes interlocutores na teologia das religiões, nascido em 1939, nos Estados Unidos, trabalhou por quase três décadas na Xavier University, em Cincinnati, Ohio, onde é professor emérito, ocupa a Cátedra Paul Tillich no Union Theological Seminary em Nova Iorque, leciona e analisa as relações entre

---

<sup>152</sup> LOPES, Joana Viana; AVILLES, Filipe. *Diálogo inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir*. Faculdade de Teologia UCP de Lisboa: ACIDI – Alto Comissariado para a imigração e diálogo intercultural, 2011, p. 4. Disponível em: <<http://cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/dialogo-iter-religioso-no-tempo-&-33-ideias-para-pensar-e-agir.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

<sup>153</sup> LOPES, AVILLES, 2011, p. 6.

Teologia, religiões do mundo e culturas<sup>154</sup> assim trata a questão do diálogo inter-religioso de uma forma bastante elevada ao considerar as diferenças e proximidades entre as religiões. Merece, ainda, destaque na discussão sobre o diálogo inter-religioso, que os teólogos Karl Rahner e Knitter: dois grandes pensadores de referência que tratam o assunto sempre na perspectiva do pluralismo religioso.

O diálogo inter-religioso, proposto pelos pensadores aqui mencionados, tem como foco a tomada de discussão, conforme Knitter, pela paz, pela justiça e pela liberdade entre as religiões.<sup>155</sup> Diante de tal fato da discussão sobre as religiões, Knitter propõe um método de análise de compreensão do que é o modelo pluralista do diálogo inter-religioso. Portanto, a discussão do diálogo religioso é dividida em quatro categorias interpretativas: a) substituição; b) complementação; c) mutualidade; e d) aceitação. São as diversas formas como a discussão do diálogo inter-religioso é feita, conforme o autor.<sup>156</sup>

A discussão do diálogo inter-religioso da “substituição” apresenta a ideia de que Deus pertence apenas a um grupo de eleitos. Agora, passa a ser apresentado de uma nova maneira que substitua a antiga maneira de pensar. Deus, agora, não pertence mais a um grupo seleto de pessoas ou a um credo, mas, a todas as religiões que também se apoderam da presença e da manifestação de Deus, ou seja, considera que Deus também está em outras tradições religiosas.<sup>157</sup>

A ideia de “complementação”, no diálogo inter-religioso, foi bem difundida pelo teólogo Karl Rahner e forjada no Concílio Ecumênico Vaticano II (1962 – 1965), no sentido de que o cristianismo chegaria como complementação ao que faltava nas religiões. A revelação de Jesus seria o diálogo que acrescentaria a outras religiões. O diálogo estabelecia o reconhecimento das religiões, e o cristianismo acrescentaria, positivamente, sem ferir suas identidades no que tange à justiça, paz, fraternidade e solidariedade.<sup>158</sup>

“Mutualidade”, dentro do processo do discurso de diálogo inter-religioso, apresenta um modelo baseado na premissa de que as religiões são consideradas verdadeiras, e, portanto, são convocadas ao diálogo a que se propõem: a reciprocidade de igualdade, de importância e de valor. Uma busca do equilíbrio do que pode ser universal e singular.<sup>159</sup>

---

<sup>154</sup> RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. *A teologia das religiões em foco um guia para visionários*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 62.

<sup>155</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 63.

<sup>156</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 65.

<sup>157</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 65.

<sup>158</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 65.

<sup>159</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 66.

E a modalidade da “aceitação”, no discurso do diálogo inter-religioso, significa que a proposição aceita as diferenças que existem entre as religiões. O diálogo inter-religioso acontece pela aceitação das diferenças e pela capacidade de acatá-las como forma de se manter no diálogo, e, portanto, não existe diálogo, se as diferenças não são aceitas. Knitter defende o modelo da “aceitação” que estiver comprometido com o diálogo inter-religioso de forma permanente. É necessária a prática da comunicação que pode ser uma forma de respeitar o diferente, até porque o diálogo só vai existir, quando o outro for diferente de mim. Não haveria a lógica do diálogo com os iguais. Entre os iguais não há diálogo. Pressupõe-se que o diálogo exista nas diferenças a serem ressaltadas.<sup>160</sup>

Para que possa haver o diálogo inter-religioso é necessário que as identidades, valores e pressupostos de verdade sejam mantidos. Não dentro de um esquema dogmático fechado, mas, sim, flexível ao diálogo “quem diz diálogo, diz abertura”.<sup>161</sup> Só há diálogo, se as partes mantêm suas singularidades e suas características. O diálogo existe não para que uma tradição vença a outra, não para sustentar que alguém esteja com a verdade e o outro não. Nem que maneira de pensar de uma seja mais atraente que a outra. Ou, ainda, que a forma como penso é bem mais elaborada que a sua. São intenções que não caracterizam um diálogo.

No diálogo, subentende-se que na verdade, percebe-se no lugar do outro, logo, existe uma outra percepção da realidade da qual não se vê a partir dos próprios pressupostos, quer sejam culturais quer filosóficos e teológicos. Também, deve-se considerar “que o outro tem o mesmo tipo de engajamento absoluto em relação à sua própria verdade”.<sup>162</sup> Então, deve-se respeitá-lo por isso.

O diálogo inter-religioso faz com que a pessoa se confronte com aquilo em que ela acredita. O processo do diálogo acontece sob à luz de uma outra tematização. Pode-se perceber que a própria crença não tem sido suficiente diante da prova de uma verdade à luz de outra verdade, ou de outra maneira de crer. A outra maneira de crer oferece esclarecimento a respeito do que se acredita. Então, pode incorrer que venha a questionar, até mesmo, a sua própria forma de crer, pois não seria bem aquilo que se sabia, ou se cria, sob à luz de uma outra concepção. Uma vertente diferente pode esclarecer a própria verdade e a forma de crer.

O diálogo inter-religioso é um risco, pois há a possibilidade de refazer a própria maneira como se encaminha a forma de crer. A ideia do diálogo acontece, assim “eu sou mudado na maneira de apropriar-me de minha própria fé, quando sou confrontado com a

---

<sup>160</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 66.

<sup>161</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 79.

<sup>162</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 79.

verdade do outro”.<sup>163</sup> Isto implica que o diálogo é a possibilidade de não fazer com que a pessoa abandone as próprias convicções, mas, cria a expectativa de aprimorar o que já se crê. Afinal, nenhuma verdade é completa e suficiente em si mesma.

O diálogo inter-religioso é a possibilidade de completar os vazios ou o vácuo de uma forma de crer. O diálogo não tem como finalidade trazer o outro para o próprio lado, numa atitude prosélita, antes de aperfeiçoar ou mesmo completar uma falta existente numa crença a ser completada. O fato aconteceu, notoriamente, com a religião Judaica, que foi profundamente influenciada pela tradição babilônica, ao inserir a visão dualista entre o bem e o mal. Posteriormente, influenciada pela tradição grega que resultou no Judaísmo helênico, com uma interpretação mais alegórica dos textos sagrados.

O diálogo religioso pode fazer uma crença chamada moderna ou progressista trazer à luz, uma mais tradicional e conservadora. Ou seja, o diálogo inter-religioso propicia uma retomada de ressignificação de sentido. Isso, talvez, seria a coisa mais útil no processo do diálogo inter-religioso.<sup>164</sup>

O teólogo e pesquisador das religiões Andrés Torre de Queiruga<sup>165</sup> tem uma reflexão teológica ecumênica pautada no diálogo religioso. Queiruga defende a visão de que as “religiões devem buscar a máxima comunhão possível como ato de resposta humana ao amor universal de Deus”<sup>166</sup>, ou seja, todas as manifestações religiosas são, de alguma maneira, a interpretação de uma parte da face de Deus, e todas elas juntas demonstram o rosto de Deus.

Na visão de Queiruga, as religiões são uma forma de demonstrar a diversidade da manifestação de Deus, bem como suas interpretações. Também, mostra a unidade de Deus no conjunto das religiões, mesmo na diversidade de pensamentos e crenças. O autor lembra que as “experiências de diálogo destroem, sim, as identidades narcisistas”<sup>167</sup>. As religiões vivem em torno de seus próprios fundamentos de maneira enrijecida. Elas não conseguem atualizar-se, mas, só no processo do diálogo, a religião consegue fazer uma revisão de seus fundamentos, e, ao mesmo tempo, se atualizar.

---

<sup>163</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 79.

<sup>164</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 79.

<sup>165</sup> QUEIRUGA, Andrés Torres. “*Repensar a Revelação a Revelação Divina na Realização Humana*” São Paulo: Paulinas, 2010. Ele nasceu em Aguiño (Ribeira, Espanha) em 28 de maio de 1940. Estudou no Seminário de Santiago de Compostela, e na Pontifícia Universidade de Comillas. Logo depois de ordenar-se Sacerdote, esteve vários anos em Roma e na Alemanha, preparando sua TESE de doutoramento, sobre o teólogo compostelano Amor Ruibal. Atualmente é professor de Teologia e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela. É membro da Real Academia Galega e do Conselho *da Cultura Galega*; foi um dos fundadores e diretor da revista *Encrucillada*. Sobre Queiruga disponível em: <<http://www.vieiros.com/nova/31663/andres-torres-queiruga-teologo-galego-e-universal>>. Acesso em 20 abr. 2017.

<sup>166</sup> RIBEIRO, SOUZA. 2012, p.79.

<sup>167</sup> RIBEIRO, SOUZA. 2012, p. 85.

Para Queiruga, as rivalidades religiosas, a manifestação da violência e uma vivência etnocêntrica fazem, de certa forma, que as religiões demonstrem um alto grau de imaturidade, incapaz de acompanhar a humanidade, tornando-a planetária. Uma nova consciência de diálogo não se deve apenas no campo religioso, mas nas questões ambientais, econômicas e em todas as áreas da vida humana.<sup>168</sup>

### 3.1 Diálogo inter-religioso e o exclusivismo religioso

Entendemos o modelo exclusivista religioso como a concepção de ideia de que não existe salvação alguma fora da fé e da pessoa histórica de Jesus Cristo, porque Jesus torna-se a norma e a medida de verdade de Deus para a humanidade. O paradigma exclusivista é recorrente a qualquer tradição religiosa de cunho fundamentalista e, em específico, é bem reconhecido no âmbito católico-romano quanto ao movimento protestante, pois, trata-se de um movimento que vincula a salvação à pessoa de Cristo, e a pertença à Igreja.

O modelo pluralista religioso contesta, com veemência, a ideia exclusivista que afirma “fora da igreja não há salvação”<sup>169</sup>, colocando abaixo o adágio que mostra que a existência de muitas religiões é a causa de existir outras mediações de salvação ao homem, que pode estar em pé de igualdade de relevância da salvação cristã. O pensamento corrobora com aquilo que o teólogo Paul Knitter afirma em dizer “Jesus é verdadeiro, mas não o único portador da salvação”.<sup>170</sup>

O diálogo inter-religioso faz uma leitura da pessoa de Jesus que se apresentou como um defensor da humanidade e cujos ensinamentos são voltados à justiça, à paz, à tolerância e à misericórdia. Todo o discurso humanitário torna-se elo de ligação com as demais tradições e um possível diálogo com as religiões, quando se fala dos elementos em comum.<sup>171</sup>

Deus é revelado naturalmente como um amor presente, ativo e efetivo, em ação em toda humanidade, e, portanto, nas religiões que explicitamente orientam a liberdade humana na direção da autotranscendência e da realidade última.<sup>172</sup>

A visão teocêntrica ou reinocêntrica apresenta-se, como significado, a existência de outras vias de salvação cuja salvação não fica reduzida a uma única forma de crença. A visão teocêntrica é a possibilidade de uma cristologia reinocêntrica, ao propor a mensagem central

<sup>168</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 86.

<sup>169</sup> TEXEIRA, 2012, p. 24.

<sup>170</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 103.

<sup>171</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 105.

<sup>172</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 106.

de Jesus Cristo de Nazaré não foi ele mesmo, mas o reino de Deus, que coloca o pai no centro do eixo das religiões. A lógica de pensamento alarga a compreensão do diálogo inter-religioso. O teólogo John Hick rompe com a visão absolutista da tradição cristã, a qual torna o cristianismo uma religião verdadeira, entre as demais tradições religiosas. Afirma que existe uma última realidade transcendente, que é a fonte e o fundamento de todas as coisas.<sup>173</sup> Hick destaca que o fundamento chamado de Deus ou de transcendente não será apenas exclusividade do cristianismo, mas também se tornará o ponto de ligação com as demais tradições religiosas, consistindo no ponto da discussão do diálogo inter-religioso.<sup>174</sup>

Um dos grandes limites apontados, na perspectiva do modelo exclusivista da religião, é a sua dificuldade em reconhecer o “direito à diferença” e a singularidade de outras tradições religiosas. O Diálogo Inter-Religioso, na visão pluralista, faz reconhecer o valor de outra crença e também estabelece uma relação de convivência, tolerância e aprendizagem com outra tradição religiosa. Desconsiderar a possibilidade de uma “verdade salvífica” operante nas religiões, que não são consideradas cristãs é, no mínimo, desconhecer que as religiões são parte legítima nas mediações entre Deus e o homem. O diálogo inter-religioso apresenta que o valor normativo da pessoa de Jesus Cristo é apropriado para a fé cristã, como realidade última, mas não serve de padrão normativo para outras tradições religiosas. Mas, o sentido último que possa ser chamado de transcendente mistério, ou Deus ou outro nome dado, conforme a cultura local, pode ser partilhado, no âmbito universal, com todas as tradições religiosas, inclusive a Cristã.<sup>175</sup>

### 3.2 Diálogo Inter-religioso e o Ensino Religioso

No diálogo inter-religioso, trabalham-se conceitos como tolerância nas diferenças e a necessidade de alteridade, que são quesitos essenciais para a realização da prática do ensino religioso nas escolas públicas. O diálogo inter-religioso vai ser a base de conteúdo do ensino religioso, que tem como objetivo final o respeito à diversidade cultural religiosa e a preservação das diferentes tradições religiosas no Brasil.

A prática de Ensino Religioso nas escolas públicas tem sido uma reflexão muito instigante, alvo de muita crítica. Há a afirmativa de que o estado é laico e republicano e não se

<sup>173</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 117.

<sup>174</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 117.

<sup>175</sup> TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das Religiões*. PPCIR-UFJF, terça-feira, 20 de abril de 2010. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/teologia-das-religoes-faustino.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

admite a ingerência da religião na coisa pública. Assim, superficialmente, se conclui “irrefletidamente” não poderia haver ensino religioso nas escolas, mas o que não se pode ignorar é que a religião constitui um dado da realidade, e que a religião não desapareceu da sociedade “e o ensino religioso decorre, portanto, do fato de o fenômeno religioso fazer parte da sociedade”.<sup>176</sup>

Mas existe um grupo fortemente embasado por pressupostos epistemológicos e antropológicos entendendo que o pluralismo religioso é parte do ensino religioso do qual se constitui área de conhecimento.<sup>177</sup> Deste modo, é de ordem epistemológica o estudo da religião. Deve-se entender que a religião é um dado sociocultural que se constitui na sociedade atual. Segundo o teólogo Hans Küng “a busca de uma ética civil com base nas religiões constitui um caminho necessário para a civilização atual”<sup>178</sup>, ou seja, muito que é parte da formação e da organização do estado no sentido positivo e ideal se deve às bases de valores que foram herdadas da religião, portanto não há como ignorá-la. Küng diz mais ainda que “a religião se torna uma via indispensável na tarefa urgente de educar para a convivência planetária”.<sup>179</sup>

Küng ressalta que a crise em que o mundo se encontra do ponto vista ecológico, ambiental, moral e econômico, coloca em cheque a sobrevivência humana na terra. Mais do que nunca, para sobrevivência da espécie, é necessário restabelecer aqueles valores da alteridade que muito foram apregoados pelas religiões. Se a religião que no passado foi utilizada como instrumento de violência e dominação, a mesma religião para o futuro pode ser usada como instrumento de promoção da paz, da alteridade e justiça entre os povos. O artigo 33 da LDB com nova redação da Lei Nº 9.475, de 22 de Julho de 1997 garante o Ensino Religioso nas escolas públicas:

Art. 33 – O Ensino Religioso de matrícula facultativa é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão de professores.

2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituídas pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.<sup>180</sup>

<sup>176</sup> SENA, Luzia. *Ensino Religioso e formação docente: Ciência da Religião e Ensino Religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 41.

<sup>177</sup> SENA, 2007, p. 23.

<sup>178</sup> SENA, 2007, p. 39.

<sup>179</sup> SENA, 2007, p. 40.

<sup>180</sup> Veja artigo 33 da LDB BRASIL. *Lei Nº 9.475, de 22 de julho de 1997*. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9475.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2017.



A partir da articulação de professores e professoras instalou-se no dia 26 de setembro de 1995 o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER). Um dos compromissos deste Fórum foi o de articular um currículo para o ER. O FONAPER elaborou, então, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER's), publicando-os em 1997, sendo novamente editados em 2009.<sup>181</sup>

O ensino religioso como área do conhecimento no exercício de sua prática, principalmente no espaço público, não pode tomar partido a favor de uma determinada religião e nem atender às reivindicações de verdade e de pretensão soteriológica.<sup>182</sup> A finalidade do ensino religioso é fazer a mediação dos diversos grupos religiosos que possam representar numa sala de aula. Seu papel relevante é salientar a diversidade religiosa a partir de uma análise, investigação e descrição das religiões universais e populares, proféticas e místicas, e as religiões que são acrescidas e fundadas diariamente no mundo inteiro.

O estudo do ensino religioso não pode estar atrelado ao sentido catequético ou teológico.<sup>183</sup> A ideia de que “Deus existe ou não” não tem mais a ver com a discussão da disciplina de ensino religioso, pois a crença é de convicção pessoal, atrelada à família e à instituição religiosa a qual o indivíduo pertence. A função do ensino religioso é possibilitar ao aluno fazer as comparações e observar os contrastes entre os sistemas religiosos sem que se faça juízo de valores preconceituosos daquela crença. O ensino religioso, como disciplina, pode demonstrar que nenhum sistema religioso pode ou deve reclamar para si a validade absoluta.<sup>184</sup>

Os valores do pluralismo religioso são a condição essencial para se pensar no diálogo inter-religioso e a possibilidade para um mundo mais pacífico e mais solidário. O diálogo só é possível na interlocução de sujeitos, indivíduos e instituições. Seguindo esta mesma perspectiva, o ensino religioso faz seu percurso, estabelecendo valores de solidariedade, de tolerância, de diversidade e de fraternidade. O ensino religioso, que deve ser alocado nas escolas, é o ensino que se pauta pelos valores pluralistas e dialogais. Estes valores são essenciais para se fazer o enfrentamento ao preconceito, à intolerância e à ignorância religiosa.

---

<sup>181</sup> FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009. p. 5-11.

<sup>182</sup> FERREIRA, 2004, p. 1879.

<sup>183</sup> SOUZA, Rodrigo Augusto de. Novas perspectivas para o Ensino Religioso: a educação para a convivência e a paz. *Revista Reflexão e Ação*, v. 21, n. 1, p. 25-49, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/3207/2910>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

<sup>184</sup> SENA, 2007, p.58-59.

O ensino religioso busca a aprendizagem cotidiana da diversidade cultural. A reflexão sobre as relações do sistema de poder do religioso. Destaco aqui o fato da manipulação de líderes religiosos que têm o discurso triunfalista inconsequente que não condiz com o novo paradigma do diálogo e o respeito ao diferente. Como afirma Gilbraz de Souza Aragão:

Ensino Religioso, como cada vez mais é compreendido no Brasil, deve tratar pedagogicamente do conhecimento espiritual que existe entre e para além de todas as tradições místicas, religiosas e não religiosas, devendo tematizar seus conteúdos simbólicos, nos espaços e tempos sagrados, bem como os valores humanos que a espiritualidade resguardam. Trata-se, então, de comparar criticamente e interpretar os fatos – também religiosos – nos seus contextos históricos, em busca de significados mais profundos para esse patrimônio cultural da humanidade que são suas espiritualidades religiosas e atitudes filosóficas.<sup>185</sup>

O ensino religioso necessita tratar o conhecimento da religião como patrimônio cultural da humanidade com todas suas tradições místicas, religiosas, devendo tematizar seus conteúdos simbólicos, nos espaços e tempo sagrado, procurando ajudar os alunos a compreender, conhecer, comparar criticamente e interpretar os fatos que correspondem às crenças e espiritualidades de cada cultura e suas filosofias, e não um tipo de conhecimento sectarista impositivo. A religião deve assim ser tratada como um “antídoto à loucura de existir em meio a tanta injustiça”<sup>186</sup>.

O ensino religioso, conforme a LDB/96 em seu artigo 33, é o resultado de mudanças significativas que se realizaram na história social-política do Brasil e fruto da mobilização de professores e professoras para um ensino religioso, que estude o fenômeno religioso, baseado nas Ciências das Religiões.<sup>187</sup> O Brasil é um país marcado pela diversidade cultural e religiosa. O reconhecimento do pluralismo leva ao diálogo com a diversidade, superando os preconceitos e quebrando barreiras fundamentalistas.<sup>188</sup>

Para este momento, o ensino religioso apresenta novo molde que é representado pela lei de diretrizes e bases, no artigo 33, da LDB 9394/96 (a lei n.º 9.475) é o ensino religioso que tem em sua base o pluralismo religioso, e o diálogo inter-religioso. Nas bases das

<sup>185</sup> ARAGÃO, Gilbraz de Souza. Apresentação. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí. *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 18.

<sup>186</sup> ARAGÃO In: JUNQUEIRA; BRANDENBURG; KLEIN, 2017, p. 17-18.

<sup>187</sup> JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Uma ciência como referência: uma conquista para o Ensino Religioso. *REVER* · Ano 15 · N° 02 , p. 17, Jul/Dez 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/26181/18845>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

<sup>188</sup> BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. *Teocomunicação*, v. 37, n. 155, p. 90, mar. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1775/1308>>. Acesso em: 31 out. 2017.

diretrizes do ensino religioso o diálogo inter-religioso é gerador do respeito à diversidade religiosa que tem como premissa a convivência pacífica entre as religiões. Diante do exposto, o ensino religioso tem como abordagem curricular a “Cultura da Paz”, que deve ser estendida a cada pessoa e nas relações interpessoais, bem como na convivência com a família, paz vivida na sociedade, paz demonstrada no respeito ao meio ambiente, enfim a paz desejada pelas pessoas de bem.<sup>189</sup>

Deste modo, o ensino religioso está voltado para a formação integral do aluno, no sentido de que este aluno deve tomar conhecimento das diferentes tradições religiosas sem que isto resulte na conversão a qualquer credo. O aluno deve compreender a religião na perspectiva do fenômeno religioso, isto é, compreender a religião do ponto de vista cultural.

O fato de compreender uma religião não significa aderir a esta ou aquela forma de crer, pois a crença está no critério pessoal. Para o ensino religioso, o que interessa é levar o aluno a ter uma atitude de respeito e tolerância para com a diversidade religiosa. O trabalho do ensino religioso na escola é fazer com que o aluno compreenda a religião, consiga vencer o preconceito e a discriminação. Toda cautela é necessária, pois o professor com boa formação sabe que não pode privilegiar uma determinada tradição religiosa.

O ensino religioso como componente curricular não só deve dar ênfase no elemento cultural da religião, como pode extrair da religião a sua força ética que constitui um valor de suma importância na construção do aparato religioso. É a partir dessa compreensão que surge uma visão de mundo mais solidário e fraterno, portanto, um ganho social relevante.

O estudo da ética religiosa promove o respeito entre os estudantes e o estímulo à boa convivência humana. O ensino de valores éticos vai propiciar ao aluno mais tolerância com aqueles que professam ser ateus, com aqueles desprovidos de religião e com aqueles que professam um tipo de religiosidade. Com os diferentes, a solidariedade e a fraternidade devem ser cultivadas. Com as religiões minoritárias, a compreensão e o respeito devem ser perseguidos. Este é o aspecto do diálogo da religião promovido pela disciplina do ensino religioso na escola pública.

A prática pedagógica do ensino religioso significa pesquisa e diálogo em sala de aula, bem como investigação das religiões e de seus valores a fim de que o aluno possa compreender que o conhecimento da religião deve ser encarado como um dado cultural, que

---

<sup>189</sup> LIMA, Maria Conceição *Barros* Costa; SOUZA, Rosalia Soares de Sousa; LIMA, Wellcherline Miranda Ensino Religioso e Cultura de Paz, diálogo com o sagrado. *IX Colóquio Internacional Paulo Freire*, p. 9, Campus da Universal Federal Pernambuco, no Centro de Educação no período de 10 a 12 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ix-coloquio/paper/download/643/614>>. Acesso em: 31 out. 2017.

gere a possibilidade da construção de um mundo melhor. O ensino religioso nas escolas públicas nunca deve ser confundido com o ensino catequético ou teológico. Mas o ensino deve pautar pela interconfecionalidade e promoção da “cultura da paz” entre as religiões e pessoas. Em meio a tanta violência no mundo, a promoção da cultura da “não violência” deve constar como objetivo final da prática pedagógica do ensino religioso na escola pública. Enfim, a convivência da paz deve fazer parte do componente curricular do ensino religioso como instrumento de aproximação entre os indivíduos.<sup>190</sup>

O ensino religioso busca a sua redefinição como disciplina regular do conjunto curricular na escola pública no momento em que haja avanço político nos rumos da democratização da sociedade. Como resultado deste processo da democratização e da laicização da sociedade brasileira, o ensino religioso passa a ser uma disciplina em que o aluno tem o direito de optar pela frequência ou não, no ato da matrícula. Esta facultabilidade do aluno pela escolha ou não da disciplina do ensino religioso é assegurado pela

Constituição Federal em vigor, promulgada em 1988, que garante, através do artigo 210, parágrafo 1º do Capítulo III da Ordem social, o Ensino Religioso nos seguintes termos: *o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas do ensino fundamental.*<sup>191</sup>

Vale aqui destacar que a religião nasce para dar resposta à superação da provisoriedade humana, aos dilemas que desafiam a consciência que indaga sobre a origem e destino dos homens: Quem és tu? De onde vens? Para onde vais? O que fazes aqui? Para responder a esta charada existencial, conhecido como o enigma do mito da esfinge<sup>192</sup>, tais perguntas consolidam um grande mistério sob a pena do “decifra-me ou te devoro!”.<sup>193</sup> Para não ser devorado pelo mistério acerca de sua própria origem e da vida, as religiões são uma forma elaborada do ponto de vista humano para tentar responder sobre o sentido da vida. É a partir desta visão que é construído o ensino religioso como parte do conhecimento sistematizado da religião. Este tipo de saber do ensino religioso tem como finalidade subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades da fé e das tradições religiosas, refletir sobre a moral como consequência do fenômeno religioso<sup>194</sup>.

A dinâmica do ensino religioso nas escolas é o exercício de um constante diálogo inter-religioso, favorecendo um clima de empatia de acolhimento e remoção de preconceitos.

<sup>190</sup> LIMA.; SOUSA; LIMA, 2016, p. 7.

<sup>191</sup> FONAPER, 2009, p. 30.

<sup>192</sup> WILKINSON, Philip. Mitos origens e significados lendas. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 58.

<sup>193</sup> WILKINSON, 2010, p. 59.

<sup>194</sup> FONAPER, 2009, p. 47.

Essa é a tarefa do professor de ensino religioso que, através do diálogo inter-religioso, propicia a partilha de experiências de culturas diferentes no intuito de haver enriquecimento de seus alunos. Esse diálogo tende a ultrapassar os limites postos pela tradição engessada, rebatendo a visão anacrônica do fundamentalismo religioso. Certamente o desafio, numa sala de aula, é sempre estabelecer parâmetros que permitam a convivência entre diferentes credos, conduzindo os alunos a um entendimento claro a respeito do objetivo das religiões que é ao fim a construção da paz e a busca de um sentido maior.

### 3.3 Diálogo Inter-religioso e as Teologias das Religiões

Na visão do professor Faustino Teixeira, a “Teologia das Religiões” tem se destacado como uma nova interlocutora com diversas tradições religiosas e provocando uma reflexão da teologia pluralista. O “Diálogo Inter-religioso” institui as “teologias das religiões” como uma presença instigante de reflexão sobre a diversidade religiosa, apresentando um modo diferente de abordagem das religiões.<sup>195</sup>

A “Teologia das religiões” tem sido uma das vertentes do debate teológico, ganhando espaço na discussão sobre diálogo inter-religioso, desde o século XIX. Mas, está em destaque, do século XX até os dias atuais, a temática de discutir outras tradições religiosas e o lugar do cristianismo. No cenário da diversidade religiosa, com a questão do ecumenismo e o seu enfrentamento com o fundamentalismo religioso: seja de caráter do contexto católico-romano, seja do meio protestante das igrejas evangélicas e de matrizes religiosas não cristãs.<sup>196</sup>

Inderjit Singh Bhogal<sup>197</sup>, teólogo e pastor metodista descendente de uma tradição familiar e religiosa sikh<sup>198</sup>, tem uma profunda relação com o diálogo inter-religioso da tradição cristã com a tradição hindu. Bhogal enfoca que:

Dentro do Sikhismo eu conheci Deus como Pai e Mãe, amigo e companheiro.  
Como um Sikh, eu aprendi as escrituras sikh, que dizem: - Tu és minha Mãe.

<sup>195</sup> TEIXEIRA, 2010, n.p.

<sup>196</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 9-11.

<sup>197</sup> Teólogo Consultor da agência Christian Aid – organização que procura contribuir para superação das desigualdades, das injustiças e das discriminações – e conselheiro do Centro de Diálogo Inter-religioso da Universidade de Derby. RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 153.

<sup>198</sup> WILKINSON, Philip. *Guia ilustrado Zahar: Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 209.

O sikhismo ou siquismo é uma religião monoteísta fundada em fins do século XV no Punjab (região dividida entre o Paquistão e a Índia) pelo Guru Nanak (1469-1539). Habitualmente retratado como o resultado de um sincretismo entre elementos do hinduísmo e do islã (o sufismo), o siquismo apresenta, contudo, elementos de originalidade que obrigam a um repensar desta visão redutora.

Tu és meu Pai. Esta é a experiência e o encontro com Deus que se dão em irmandade partilhada.<sup>199</sup>

A concepção do teólogo Sikh-Cristão, numa relação híbrida das duas tradições religiosas, estabelece uma conexão de tradições naquilo que elas têm em comum: uma teologia de pontos de encontro que cria uma ponte sem que as tradições religiosas percam a sua originalidade e identidade. Bhogal argumenta no diálogo inter-religioso uma “construção de espaços de encontro e relação, na experiência de escuta do outro e de aprendizado com ele”.<sup>200</sup>

Diego Irrarrazaval, sacerdote católico-romano, atuou por quase três décadas em comunidades populares Aymaras, no Peru. É muito conhecido na região, dirigiu o Instituto de Estudos Aymaras e esteve à frente do trabalho da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT).<sup>201</sup> Um defensor fervoroso de uma teologia indígena latino-americana, que defende o pobre, mas também de uma teologia do mito original dos povos oprimidos, de suas lendas e de sua espiritualidade nativa.

Padre Diego, também autor de muitos textos que abordam o tema da “Teologia das Religiões”, enfatiza como a teologia cristã serve de parâmetros para visualizar elementos da fé cristã, como esperança, vida, alegria, para interpelar com os mitos nativos. A visão do Padre Diego enfoca a importância dos mitos indígenas que falam de esperança, vida e alegria, como forma de somar à mensagem cristã, e não como substituta as suas tradições. Antes, autenticá-las no que é essencial à mensagem do crer na esperança, na preservação da vida, da natureza e da alegria de viver em combate ao mal. Mitos indígenas que contribuíram, com tais elementos positivos, vão autenticá-los com a mesma mensagem cristã. Diego Irrarrazaval com sua produção literária, a “Teologia das religiões” autentica as tradições indígenas e não encobre as “experiências de espiritualidade que não são relacionadas ou geradas com construções eurocêtricas”.<sup>202</sup>

Nesse sentido, a “teologia das religiões”, num contexto de diálogo inter-religioso, “passa, portanto, a ser desafiada pela construção de narrativas a elaborar-se com uma fé plural e diversa”.<sup>203</sup> Na visão do padre Diego Irrarrazaval, a “Teologia das Religiões”, num diálogo inter-religioso, aproxima-se dos mitos, ritos, utopias e éticas dos povos indígenas, no entendimento de que eles, também, buscam uma vida plena com seus próprios símbolos. A

<sup>199</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 154.

<sup>200</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 157.

<sup>201</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 165.

<sup>202</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 167.

<sup>203</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 169.

teologia das religiões “nos ajuda reapreciar o sagrado e a salvação no interior da criação e da corporeidade humana”.<sup>204</sup> Mitos que se remetem à tradição Bíblica e não são, exclusivamente, pertencentes à tradição cristã, que rompem com a teologia dominante e somam com o que se pode chamar de valores universais a todas as tradições religiosas.<sup>205</sup>

As teologias africanas partem da discussão do diálogo inter-religioso no livro “Teologia das Religiões em foco, um guia para visionários” editada pela Paulinas. Seus autores Cláudio O. Ribeiro, Daniel S. Souza apontam, em suas reflexões sobre as “Teologias das Religiões”, que existem “poucos diálogos entre a Teologia Cristã e o universo das tradições religiosas Africanas”.<sup>206</sup>

Pouco se sabe, mas há um forte indício de sincretismo religioso entre a tradição mítica-africana e a tradição cristã, haja vista os africanos colonizados e escravizados pela “civilização” branca ocidental se apropriaram de ícones cristãos, como “uma forte tendência em religiões de incorporar Jesus Cristo em seus esquemas e simbologias.”<sup>207</sup> Eles usavam símbolos cristãos como camuflagem de suas reais formas de crença para driblar a dominação colonial e como estratégia de promover a resistência da dominação branca, como foi com a capoeira e os terreiros brasileiros. Tudo, então, perdurou por longo tempo, na nossa civilização latino-americana, pelo tempo que durou o período colonial.

O que se tem visto dentro do modelo pluralista do diálogo inter-religioso, “não há possibilidade de diálogo enquanto a Teologia Cristã for considerada “a Teologia” e a Teologia das heranças Africanas continuar sendo considerada ‘mera credence’”<sup>208</sup>. O livro “A teologia das religiões em foco”, editada pela editora paulinas de 2012, por Cláudio de Oliveira Ribeiro e Daniel Santos SOUZA, enuncia que as religiões africanas devem ser consideradas como um conjunto de pluralidade.

As “Teologias da Religião” reconhecem, nas suas relações de diálogo inter-religioso, as tradições afro-americanas como elemento constitutivo de discussão do pluralismo religioso. A comunidade africana com suas tradições culturais, seus cultos e ritos é parte integrante da experiência centrada no Deus da vida mediatizada pelo Axé.

O diálogo inter-religioso é um tema discutido dentro de uma sociedade livre, numa perspectiva pluralista despreconceituosa, exposto numa relação de significado com as tradições africanas que inserem o diálogo afro-inter-religioso, às religiões afro-americanas

---

<sup>204</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 170-171.

<sup>205</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 171.

<sup>206</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 174.

<sup>207</sup> RIBEIRO; SOUZA. 2012, p. 175.

<sup>208</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 177.

como o candomblé, a umbanda, vodu haitiano e santeria cubana. Toda discussão sobre as religiões afro não permite que as mesmas sejam preteridas ou jogadas, em segundo plano, no diálogo inter-religioso. As culturas afro, no diálogo inter-religioso, servem “como uma via de conhecimento de dar conta da realidade plural que envolve o ser humano.”<sup>209</sup>

Vale ressaltar que a experiência religiosa assegura que “nenhuma fé ou espiritualidade esgota o sentido da vida”<sup>210</sup>, todas as tradições de fé com seus ritos, cultos, celebrações e dogmas são formas de vivência espiritual com produção de sentido para seus confissionantes.

O sentido é percebido pela quase maioria de suas tradições e confrarias religiosas e sugere pensar que a busca do sentido é universal e humano. Com esse viés, as tradições religiosas devem permanecer em constante diálogo, como forma de conservar a chama do significado acesa no coração de cada um, independentemente da tradição a que pertence, o que chamamos tecnicamente de uma “Teologia entrefez.”<sup>211</sup>

Na busca de sentido, vale apropriar-se do significado que não restringe apenas as formas de religiosidade convencionais, tradicional e ortodoxa. Numa sociedade contemporânea pluralista, existem muitas rupturas com as convenções e os clichês religiosos, tendo “apesar dessas diferenças, todos são unânimes na defesa de uma aproximação cada vez maior das religiões em vista do bem comum”.<sup>212</sup> Evidenciando uma vasta diversidade de experiência mística-religiosa, a qual assediam muitas pessoas descontentes com o que já está posto como forma de crer, pesquisam um tipo de alternativa de experiência mística diversa, caracterizada por um grupo de buscadores na realização de uma:

Trajetória neoesotérica de algumas comunidades-buscadoras-de-ovnis<sup>213</sup>, não deixa de ser uma espécie de dupla vivência na fronteira entre lógica científica e pensamento mágico. Refratários ao discurso religioso tradicional, esses ufólogos espiritualizados que provavelmente contribuíram para aumentar o percentual dos sem-religiões no último censo demográfico brasileiro, alimentam-se de uma série de informações de livros de divulgação científica e, confiantes no testemunho referencial de um líder presumidamente abduzido por seres extraterrestres sensivelmente mais adiantados filosófica e tecnologicamente, regurgitam esses dados na forma de uma cripto-religião de perfil utópico-socialista.<sup>214</sup>

<sup>209</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 178-179.

<sup>210</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 192.

<sup>211</sup> RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 193.

<sup>212</sup> Veja Resenha de IWASHITA, Pedro K. do livro de SOARES, Afonso Maria Ligorio. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 1. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15512/11591>>. Acesso em: 20 out. 2017.

<sup>213</sup> SOARES, Afonso Maria Ligorio. Sincretismo e teologia interconfessional. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano VI, n. 27, p. 38, 2009*. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/12/02-Sincretismo-e-teologia.pdf>>. Acessado em: 01 jun. 2017.

<sup>214</sup> SOARES, 2009, p. 38.



São movimentos neoesotéricos identificados como uma expressão de rompimento com as grandes instituições religiosas em que o sagrado é diluído na experiência do indivíduo. “As lideranças desses novos grupos não são necessariamente religiosas, são mais terapêuticas. Conferencistas, facilitadores estes são, aqui, termos muito utilizados em grupos alternativos da nova-era.”<sup>215</sup> Os novos movimentos esotéricos espiritualistas trazem a ideia de que religião não fica mais restrita somente na igreja e na comunidade original.

Os grupos neoesotéricos surgiram a partir de novas concepções da experiência religiosa. Reinventam novas tradições, rejeitam a organização formal das religiões, não têm o lugar sagrado como um tipo de espiritualidade que toma novas feições e novas vivências. O tipo de experiência religiosa retratada pelo trânsito religioso, pelo qual o indivíduo possui a capacidade de mudança de religião e de fazer sua escolha livre, sem a pressão imposta da cultura e da tradição familiar. Com tudo isso, conclui-se, hoje, que as diversas vivências de novas religiosidades, espiritualidades alternativas da nova era a proporcionar uma nova experiência mística de novos caminhos, de uma “viagem interior”, de uma salvação que se encontra dentro de si mesmo,<sup>216</sup> ganha espaço em nossa cultura e na cultura mundial religiosa.

Com a “secularização”,<sup>217</sup> o avanço do “pluralismo religioso” e da liberdade do “trânsito religioso”,<sup>218</sup> as condições ficam compreensivas com o surgimento de vários grupos alternativos de experiência mística, difundidos numa espécie de salvação, fora desse mundo. Os grupos pertencem a um tipo de segmento da sociedade que busca nas religiões alternativas uma forma de se posicionar e de se orientar na vida. Uma busca de ressignificação de sentido, que cabe a cada um encontrar seu próprio caminho, entre as diferentes vias espirituais. O pluralismo religioso constata a veracidade de todas as vias de busca de sentido transcendente no processo da caminhada. Não é preciso somente crer, mas experimentar, experienciar e vivenciar a legítima procura do buscador.<sup>219</sup> Na composição dessas crenças, está o fato de

<sup>215</sup> GUERREIRO, Silas. *Novos movimentos religiosos – O quadro brasileiro – Temas do Ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 60.

<sup>216</sup> GUERREIRO, 2006. p. 14-15.

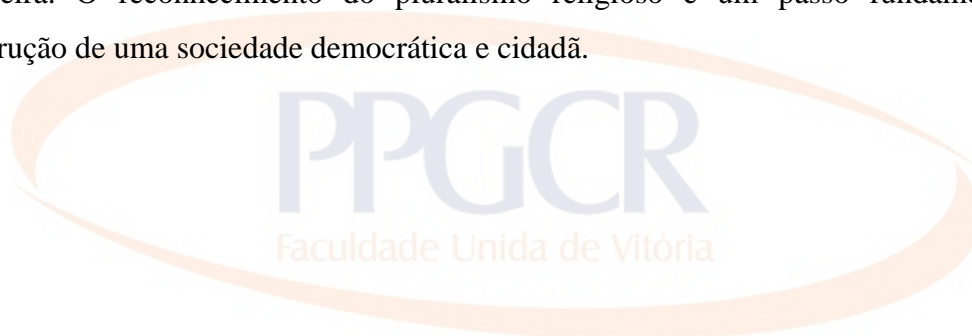
<sup>217</sup> SECULARIZAÇÃO. O termo “secularização” faz referência ao processo gradual de abandono dos preceitos culturais que se apoiam na religiosidade. Em outras palavras, está relacionado com o surgimento de um modo de vida que não mais está estruturado em torno de uma visão firmada em hábitos ligados à religiosidade. Trata-se da separação dos âmbitos culturais que estão ligados à crença das demais estruturas da vida social, como a política, os aspectos monetários e os processos legais no âmbito do Direito. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/secularizacao.htm> Acessado em: 02 jun. 2017.

<sup>218</sup> ALMEIDA, Ronaldo; MONTEIRO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*., 15(3), p. 1, 2001. “O campo religioso sofreu transformações nas últimas décadas que levaram à fragmentação institucional e à intensa circulação de pessoas pelas novas alternativas religiosas.” Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

<sup>219</sup> GUERREIRO, 2006, p. 59.

que elas são fortemente místicas, reduzidas a uma experiência individualista de serem sincréticas, relativistas e com uma forte crença em uma elevação espiritual alcançada por meio do esforço pessoal de cada indivíduo, bem como uma busca de auto-aperfeiçoamento. O pluralismo religioso também aponta para o trânsito religioso.

O reconhecimento do pluralismo religioso é de fundamental importância para o exercício do diálogo inter-religioso, que necessita, cada vez mais, ser exercitado nas escolas sejam públicas ou privadas, tendo com o objetivo a construção da cidadania. Há muitas formas de expressar a religião. Reconhecer que o pluralismo religioso está presente nas salas de aulas, nas escolas, na sociedade brasileira é de fundamental importância para o reconhecimento de que o outro pode ser o outro. O pluralismo religioso aponta para a beleza da pluralidade do próprio ser humano. O objetivo do Ensino Religioso, como área do conhecimento humano, é conhecer e dialogar sobre o fenômeno religioso, buscando relações de conhecimento e de respeito ao diferente, valorizando a pluralidade cultural e religiosa brasileira. O reconhecimento do pluralismo religioso é um passo fundamental para a construção de uma sociedade democrática e cidadã.



## CONCLUSÃO

Num mundo globalizado, há a presença de uma diversidade religiosa que necessita de uma interpretação do modelo teológico pluralista nas relações plurais. No espaço da globalização, surge o pluralismo (em sentido amplo) como resultante desse fenômeno global da sociedade.

Pelo fato da modernidade ser marcada pela globalização, o mundo necessita de uma convivência plural, para que haja harmonia na convivência entre indivíduos e grupos sociais. É certo que os iguais não têm dificuldade de convivência no seu espaço social. Os desiguais se movem no mesmo espaço de convivência, sem qualquer tipo de sofrimento grupal.

Diante da situação, o mundo adquire novos valores humanitários de direitos humanos, de alteridade, de fraternidade e de solidariedade da raça. Os valores tornaram-se a chave para a convivência plural dos diferentes no mesmo espaço social, geográfico, político e econômico. Com a globalização do mundo, a virtude da alteridade é a chave da convivência da pluralidade, uma vez que surgem, por todo canto, novas religiosidades e diversas tradições religiosas.

Na convivência plural, o desafio do mundo moderno é o diálogo inter-religioso que faz da diversidade uma possibilidade de aprendizagem, de tolerância e de convivência com a pluralidade. O desafio das religiões, diante do mundo plural, é saber, agora, conviver com a diversidade num permanente diálogo, entre as diferentes tradições religiosas. É através do diálogo inter-religioso que os paradigmas atuais são atualizados de acordo com o mundo novo que surge em face das mudanças.

Todas as considerações sobre paradigmas teológicos deste trabalho possuem uma tentativa de abordar a questão do paradigma do pluralismo religioso e as consequências de sua prática e de seu discurso, no contexto do mundo das religiões, que por sua vez, desemboca no discurso do diálogo inter-religioso. Entende-se que a fase do diálogo inter-religioso é resultado de todo o processo de desenvolvimento do modelo interpretativo da teologia pluralista religiosa e de valores universais que a sociedade humana conquistou no labor do dia a dia.

Refletiu-se sobre os vários modelos do discurso religioso na história da teologia, destacando o exclusivismo, que apregoa que fora da igreja não há salvação. O discurso do exclusivismo perdurou até o momento em que o cristianismo precisou lidar com outras tradições religiosas, não podendo mais tratá-las de forma marginal e excludente, num mundo globalizante e pluralista. O exclusivismo religioso, revisto pela igreja católica, desde a

reforma interna da própria igreja, a partir do Vaticano II, ganha hoje nova visão. Então, dentro do cristianismo protestante, surgem os movimentos ecumênicos como abertura ao diálogo inter-religioso.

O processo de superação do exclusivismo religioso não se assimilou tão rápido, foi um processo de incorporação lenta e gradativa, cuja história precisou fazer seus próprios ajustes. No decorrer do tempo, surge o paradigma inclusivista que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para os cristãos e também para as demais tradições religiosas. Assim, o inclusivismo tenta ser uma proposta de modelo de coesão e de superação do sectarismo exclusivista.

Essa nova proposta do modelo inclusivista visa a estabelecer um diálogo com as outras tradições religiosas, no reconhecimento de seus valores, sua importância, mas sem deixar de enaltecer a superioridade do cristianismo sobre elas. Esse é detalhe sutil que deve ser observado. Parece que a ideia mestra é que as religiões são formas e expedientes de salvação incompletos e imperfeitos, de forma que a salvação dos povos culminará na pessoa de Jesus revelado pelo cristianismo.

No inclusivismo religioso, as religiões não cristãs partem de um processo de evolução cuja maturidade é alcançada, no pleno conhecimento de salvação, proposto pelo cristianismo. O cristianismo seria a fase final a que todas as religiões deveriam chegar. As missões evangelísticas cristãs, que até reconhecem o valor antropológico das outras tradições religiosas, mas declaram que outras tradições religiosas só chegarão ao conhecimento da verdadeira salvação, por meio do conhecimento específico da revelação do Cristo histórico para essa cultura, ainda que haja adaptação da linguagem da revelação a essas culturas para se tornar clara a mensagem do evangelho. A exemplo desse raciocínio é o livro “O Fator Melquisedeque”: o testemunho de Deus, nas culturas, por todo o mundo, de Don Richardson, ou seja, o evangelho cristão está, de alguma forma, implícito nas culturas que não foram alcançadas pela civilização cristã. Essa tem sido a perspectiva do modelo inclusivista.

Enquanto no modelo pluralista, diametralmente diferente dos outros modelos, como exclusivismo e o inclusivismo, sua tematização vai consistir na defesa de que Jesus é o caminho para os cristãos enquanto, para outras religiões, o caminho a seguir é a sua própria tradição como única fonte suficiente e legítima para trazer salvação. Assim, a forma cristã de salvação não substitui nem completa nenhum outro tipo de salvação.

O pluralismo religioso, frente a toda diversidade religiosa existente no mundo, e principalmente num mundo globalizado, defende que o outro que é seu semelhante pode ter uma confissão de fé diferente da sua podendo ser seu vizinho. O pluralismo religioso entende

a importância da “autorreflexão” do “diálogo inter-religioso”, como expressão de aproximação entre as várias tradições e confissões religiosas.

O pluralismo religioso nasce a partir de uma construção ecumênica das religiões e tem como finalidade discursiva e prática levar a compreensão de que dentro de um processo do diálogo inter-religioso, o ponto almejado entre as religiões é a paz, a justiça, a integridade da criação. Ou seja, uma religião que preserve o meio ambiente, e não a do discurso catastrófico, que tudo acabará com a chegada do reino de Deus, mas sim, uma visão renovada da interpretação do reino que traz uma renovação e a integridade das coisas criadas. Na mesma perspectiva, o pluralismo religioso integra o valor do ser humano como aquele que habita na terra, dentro de uma cultura de uma visão de mundo, com valores éticos e morais.

No contexto pluralista, a proposta do diálogo inter-religioso é a visibilidade e a importância da diversidade das religiões que funcionam como códigos de comunicação com o transcendente, códigos interpretados como ritos, celebrações e dogmas que funcionam como um sistema de doação de sentido.

Portanto, o discurso do diálogo inter-religioso, no pluralismo, é a integração ao aspecto da defesa dos direitos humanos, à sustentabilidade da vida, ao respeito à diferença, à cooperação entre as religiões. Assim, deve-se destacar a importância pública das religiões como manifestação cultural e como promoção da paz e da justiça entre os indivíduos.

Conclui-se, finalmente, que o ideário religioso é complexo como é complexa a sociedade com seus valores e tradições culturais. O ensino religioso, na escola brasileira, certamente deverá ter seu espaço que propicie a formação de uma geração mais tolerante, respeitosa, pacífica, harmoniosa e mais plena de valores que poderão fazer a vida ainda melhor. Sem dúvida, o pluralismo religioso é uma realidade da sociedade brasileira e necessita ser parte do diálogo e do processo de ensino-aprendizagem nas escolas sejam públicas ou privadas. O pluralismo religioso faz parte da experiência humana.

O pluralismo religioso é, sem dúvida, o fundamento para o diálogo inter-religioso na disciplina do Ensino Religioso, pois a importância do mesmo se dá no reconhecimento que o outro é diferente, que necessita ser respeitado em sua diferença e que no encontro com o outro há crescimento e aprendizagem mútua. O diálogo inter-religioso e o que o mesmo significa para a pluralidade religiosa brasileira necessita ser aprofundado, sendo este um tema para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo; MONTEIRO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 15 (3), p. 92-101, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

AQUINO JÚNIOR, Francisco. Diálogo inter-religioso por uma cultura de paz. *Teocomunicação*, v. 42, n. 2, p. 359-375, jul./dez. 201. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/12310/8253>>. Acesso em: 31 abr. 2017.

BALEEIRO, Cleber A. S. Tillich e a Teologia do Pluralismo Religioso. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 13, n. 26, p. 5-15, Dezembro de 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/.../4580>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BARRA, Suely Ribeiro. *Hipótese pluralista de John Hick para o diálogo inter-religioso*. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. Juiz de Fora: Universidade Federal, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/485/1/suelyribeirobarra.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, mar. 2007. p. 90. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1775/1308>>. Acesso 31 out. 2017.

BÍBLIA SAGRADA. Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida. De acordo com os melhores textos em hebraico e Grego. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade? *Estudos Teológicos*, ano 42, n. 2, p. 23-47, 2002. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/620/0](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/620/0)>. Acesso em: 11 jan. 2017.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPOS, Heber Carlos. O Pluralismo do Pós-Modernismo. *Fides Reformata* 2/1, p. 1-22, 1997. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_II\\_1997\\_\\_1/o\\_pluralismo.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II_1997__1/o_pluralismo.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2017

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/cisma>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórica da Igreja Cristã*. v.1. São Paulo: Vida Nova, 1988.

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã*. v. III. São Paulo: Vida Nova, 1990.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Vida, 2002.

GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. Tradução Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2002.

GUERREIRO, Silas. *Novos movimentos religiosos – O quadro brasileiro – Temas do Ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2006.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; POZZO, Ezequiel Dal. Investigando o conceito de Cristianismos Anônimo em K. Rahner. *Teocomunicação*, Porto Alegre v. 37 n. 157, p. 369-395, set. 2007. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:\\_K3maTaqhkgJ:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/2719/2067+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_K3maTaqhkgJ:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/2719/2067+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 04 jan. 2017.

HICK, John. *Teologia Cristã e Pluralismo Religioso o arco-íris das religiões*. São Paulo: Attar, 2005.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. *Todos os jeitos de crer – ensino inter-religioso*. v. 4, São Paulo: Ática, 2003.

IWASHITA, Pedro K. do livro de SOARES, Afonso Maria Ligorio. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15512/11591>>. Acesso em 20 out. 2017. (resenha)

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JUNGES, Márcia. Vattimo e a necessidade de nos libertarmos da verdade como “última idolatria”. Trad. Luís Marcos Sander. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, nº 428, ano XIII, 2013. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5194&secao=428](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5194&secao=428)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí. *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Uma ciência como referência: uma conquista para o Ensino Religioso. *REVER*, Ano 15, Nº 02, p. 10-25, Jul/Dez 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/26181/18845>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

KÜNG, Hans. *O islamismo: rupturas históricas – desafios hodiernos*. Concilium, v.313, n.5, 2005.

LDB BRASIL. *Lei Nº 9.475*, de 22 de Julho de 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9475.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2017

LIBÂNIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos: Tratado da Fé*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA, Maria Conceição Barros Costa; SOUZA, Rosalia Soares de Sousa; LIMA, Wellcherline Miranda Ensino Religioso e Cultura de Paz, diálogo com o sagrado. IX *Colóquio Internacional Paulo Freire*. Campus da Universal Federal Pernambuco, no Centro de Educação, p.1-12, de 10 a 12 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ix-coloquio/paper/download/643/614>>. Acesso em: 31 out. 2017.

LOPES, Joana Viana; AVILLETZ, Filipe. *Diálogo inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir*. Faculdade de Teologia UCP de Lisboa: ACIDI – Alto Comissariado para a imigração e diálogo intercultural, 2011. Disponível em: <<http://cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/dialogo-iter-religioso-no-tempo-&-33-ideias-para-pensar-e-agir.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

PAINÉ, Scott Randall. Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, no. 1, p. 100-110, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26628>>. Acesso: em 09 abr. 2017.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso*. Prefácio de Andrés Torres de Queiruga. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: História e Presença no Cristianismo. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto, (org.) *Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”*. Assis, ABHR, p. 1-11, 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

PANNENBERG, Wolfhard. “Teologia Sistemática Volume 1”. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2009.

PARRELLA, Frederick J. Vida e Espiritualidade no pensamento de Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio* n. 6, p. 48-70, p. 58, novembro de 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1764/1750>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PERRIN, Christine Lienemann. *Missão e diálogo Inter-religioso*. São Leopoldo: Sinodal, Cebi, 2005.

PORTE JUNIOR, Wilson. Karl Rahner e o cristão anônimo: a fenomenologia transcendental, *Revista teologia histórica*, 2013. Disponível em: <<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=340>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *O Diálogo das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a Revelação – A revelação divina na revelação humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. *A teologia das religiões em foco um guia para visionários*. São Paulo: Paulinas, 2012.



- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Pluralismo e libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo Religioso – As religiões no mundo atual – Temas do ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SENA, Luzia. *Ensino Religioso e formação docente: Ciência da Religião e Ensino Religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SILVA, Elias Gomes da. O Paradigma do inclusivismo religioso em Karl Rahner. *Teocomunicação*. v. 43 n. 2 p. 235-244 jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/14757/10809>>. Acesso em: 26 abr. 2017.
- SINNER, Rudolf Eduard von. Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. *Caderno Teologia Pública*, Ano 2, n. 9, p. 1-23, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2005. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- SOARES, Afonso Maria Ligório. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SOUZA, Rodrigo Augusto de. Novas perspectivas para o Ensino Religioso: a educação para a convivência e a paz. *Revista Reflexão e Ação*, v.21, n.1, p. 25-49, jan./jun.2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/3207/2910>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- TEXEIRA, Faustino. *Teologia e Pluralismo Religioso*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.
- TEXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude Geffré. *NUMEN-Revista de Estudos da Religião*, n: 11, Juiz de Fora, v. I. n. I, p.45-83. Disponível em: <<https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/897/779>>. Acesso em: 21 jan. 2017.
- TEXEIRA, Faustino. *Teologia das Religiões*. PPCIR-UFJF, terça feira, 20 de abril de 2010. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/teologia-das-religoes-faustino.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- TEXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte possível*. São Paulo: Santuário, 2008.
- TEXEIRA, Faustino. *Buscadores do Diálogo – Itinerários inter-religiosos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1984.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2011.
- VATTIMO, Gianni. *Depois da Cristandade por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, Rio de Janeiro, 2004.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Fundamentalismo – Matrizes presenças e inquietações – Temas de ensino religioso*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VIGIL, José María. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma leitura pluralista do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

VIGIL, José María; TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo. *Teologia Pluralista libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VIGIL, José María; TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo. *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2003.

WILKINSON, Philip. *Guia ilustrado Zahar: Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

